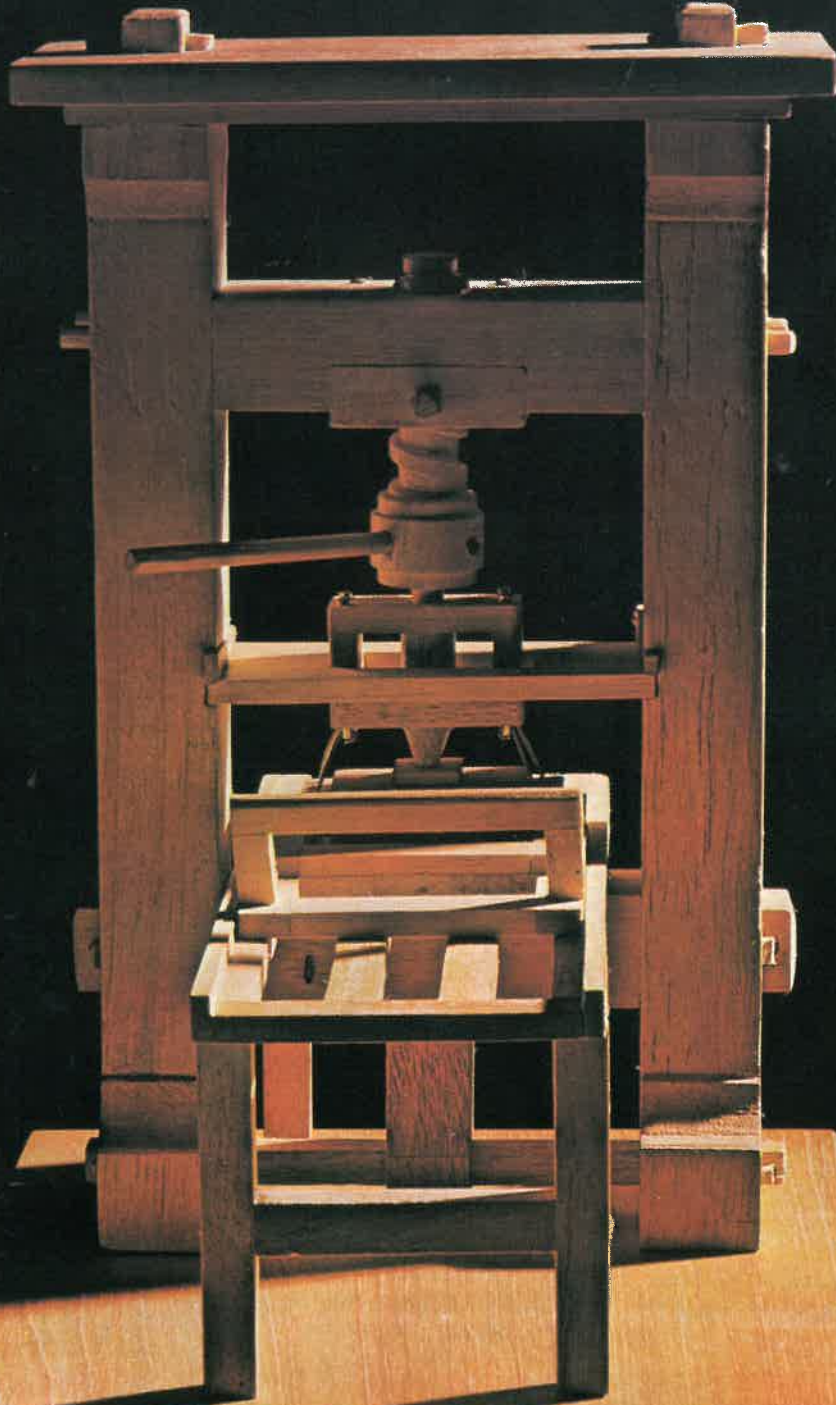


Revista Adventista

Órgão Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia em Portugal

Junho 1989

Colportagem Evangelística



O prelo é o púlpito mais elevado do mundo, do qual deve ser ouvida a voz de cada cristão. — Lutero

ESCREVE!

Esta ordem foi dada a Moisés que provavelmente sobre o papiro escreveu os primeiros trechos do canon sagrado.

Deus mesmo escreveu de maneira sobrenatural a Sua santa Lei sobre as tábuas de pedra.

Através dos séculos esta ordem seria repetida incontáveis vezes. Na Palavra de Deus encontramos uma galeria de escritores que, sendo de diferentes origens e tendo diversos níveis de formação, deixaram uma mensagem preciosa plena de harmonia e inspiração para a humanidade.

A necessidade de escrever continuou no tempo pós-testamentário. Os Valdenses lutaram para manter e divulgar a Palavra de Deus escrita. «Mediante pacientes e incansáveis labores, por vezes nas profundas e escuras cavernas da terra, à luz dos archotes, copiavam as Sagradas Escrituras, versículo por versículo capítulo por capítulo.»¹

No período da Reforma, a imprensa recentemente aperfeiçoada com a invenção da Tipografia foi um meio excelente para fazer conhecer a verdade que ia sendo redescoberta. «A imprensa, a poderosa máquina inventada no século XV, veio em apoio de todos aqueles esforços, e seus terríveis projecteis bombardearam sem cessar as muralhas inimigas.»²

Em 1849, Tiago White estava envolvido num projecto arrojado para a época, já que os recursos financeiros eram praticamente inexistentes. Devia imprimir o primeiro jornal Adventista. *The Present Truth* (A Verdade Presente). Pensou parar com o traba-

lho de impressão para ganhar algum dinheiro contratando a ceifa de um campo de feno. Foi a oportunidade para que a voz divina se fizesse ouvir de novo por intermédio de E. White: «O que ele deve fazer é escrever, escrever, escrever, e andar pela fé.»³

Hoje a necessidade de escrever, imprimir e divulgar continua. «É em grande parte por meio de nossas casas publicadoras que se há-de efectuar a obra daquele outro anjo que desce do céu com grande poder e ilumina a Terra com a sua glória.»⁴

No calendário adventista, o primeiro sábado de Junho é o *Dia das Publicações*. Por esse motivo a *Revista Adventista* dedica o seu número deste mês a este sector da nossa obra, o que é um esforço digno de relevo.

Que cada irmão sinta a importância deste ministério e ore pelo seu desenvolvimento. Que cada elemento envolvido nesta obra sintam a sua responsabilidade e o valor do seu talento. Quando o redactor, o tipógrafo, o obreiro da casa publicadora, o colportor, ou o membro de igreja que oferece uma revista, faz a sua parte, está contribuindo para a fulgurante explosão evangelizadora que caracterizará o fim da Obra de Deus nesta Terra.

Fernando Ferreira

Departamento de Publicações da União Portuguesa

1. E. White, *O Grande Conflito*, p. 58.
2. D'Aubigné, *História da Reforma do Século XVI*, Volume III, Livro IX, cap. XI p. 123.
3. E. White, *Vida e Ensinos*, p. 128, 129.
4. E. White, *Testemunhos Selectos*, vol. III, p. 140, 141.

Revista Adventista



PUBLICAÇÃO MENSAL

Junho de 1989
Ano XLVI • N.º 509

DIRECTOR:

J. Morgado

REDACTORA:

M. R. Baptista

PROPRIETÁRIA E EDITORA:

Publicadora Atlântico, S.A.R.L.

REDACÇÃO E

ADMINISTRAÇÃO:

Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa Codex
Telef. 542169

PREÇOS:

Assinatura Anual 650\$00
Número Avulso 65\$00

EXECUÇÃO GRÁFICA:

Santos & Costa, Lda.
Vale Travelho • Pedreiras
2480 Porto de Mós
Telef. 42413

Depósito Legal n.º 2705/83

Sumário

- 2 **Escreve!**
Por Fernando Ferreira
- 3 **A Obra das Publicações em Portugal**
Por Fernando Ferreira
- 5 **Apresentando os nossos Colportores**
Por M. R. Baptista
- 17 **A Colportagem Evangelística no Contexto da União Portuguesa**
Entrevista
- 17 **Edições Adventistas em Portugal**
Por Joaquim Sabino
- 19 **A Escola de Colportagem**
Por Fernando Ferreira
- 20 **Vendo o Invisível**
Por Waldemar Quedzuweit

AS PALAVRAS VOAM, OS ESCRITOS PERMANECEM

TEXTO: II Crón. 34:14-22 e 27-28

I. A PALAVRA DE DEUS

1. Escrita por Deus — Êxo. 32:16
2. Ler — Êxo. 24:7
3. Partilhar — Deut. 6:6-9
4. Viver — Prov. 7:2-3

II. O LIVRO

1. Memória da Palavra — Jer. 30:2
2. Anúncio da Palavra — I João 5:13
3. Perenidade — Isa. 30:8
4. Legibilidade — Hab. 2:2

III. VIVENDO A PALAVRA

1. Está escrito — Mat. 4:4
2. Para ensino — Rom. 15:4
3. Julgados pelo escrito — Apoc. 20:12
4. Bem-aventurado o que lê — Apoc. 1:3

CONCLUSÃO

1. Limite/ilimite — Ecl. 12:12-13
2. Ide e ensinai — Mat. 28:19
3. Bênção — Naum 1:15

M. R. Baptista

A Obra de Publicações em Portugal

— 1904-1988

F. FERREIRA

Onde quer que o Movimento Adventista se implante, logo se sente a necessidade da acção da Obra das Publicações. Enquanto os pregadores, nos púlpitos e nos lares, onde conseguem penetrar, proclamam o evangelho, os colportores espalham a mensagem escrita. Esta acção faz com que mesmo os que habitualmente não frequentam os serviços religiosos sejam atingidos pela mensagem de Deus, e que as raízes da verdade se entrelacem nas mentes de toda a população.

Desde as origens da Igreja Adventista no nosso país, estes dois sectores da Obra do Senhor têm conjugado esforços para que o propósito comum seja atingido: a salvação de almas.

O desenvolvimento tem sido lento mas contínuo. Quando pensamos nos pioneiros da Colportagem e nas dificuldades que enfreteram, louvamos a Deus pela sua fé, zelo e coragem.

Com a fragilidade de uma planta que desponta, mas com a mesma força de vencer, a obra das publicações torna-se, com o passar dos anos, uma força de trabalho na Seara do Mestre, que atinge os mais distantes campos da nossa União.

O primeiro missionário Adventista em Portugal, o pastor Rentfro, usou este método de evangelização para os seus primeiros contactos. Oferecendo e vendendo revistas, iniciou a grande sementeira do Evangelho no nosso País.¹

Nos primeiros vinte anos da

obra em Portugal, foram distribuídos cerca de cem mil exemplares de literatura adventista: Revistas *Sinais dos Tempos* e brochuras diversas.²

Em 1907, baptiza-se na praia da Aguda, perto da cidade de Espinho, o jovem João de Sá Perreira Lago que viria a ser o primeiro colportor português.³ Passados dois anos do seu baptismo, este irmão já colportava na área de Lisboa, estando então alojado em casa do pastor Rentfro.⁴

Outros homens e mulheres se dedicam a este ministério, e pela sua acção conjugada com a direcção do Espírito Santo, a Igreja começa a penetrar noutros lugares; despertam-se novos interesses, novas igrejas se abrem.

Na década de 1920 o grupo de colportores ainda não era muito regular; a Igreja estava estabelecida em quatro cidades: Lisboa, Porto, Portalegre e Tomar. O número de membros rondava os 200, o efectivo de colportores era 9, em média, embora em certas alturas chegasse a ter só dois no campo.⁵

Ao entrar nos anos 30, dá-se um pequeno aumento do efectivo de obreiros da página impressa, embora a instabilidade dos números continue. Se em 1930 trabalharam 26 colportores,⁶ em Abril de 1936 este número é apenas de 10.⁷

À medida que o tempo ia passando, o Senhor ia abençoando a Sua obra. Ao iniciar os anos 40, os colportores experientes ao serviço eram 13.

Trabalhavam com os livros *Aos Pés de Cristo*, de Ellen White, *Filhos de Deus ou Filhos de Macaco?*, do Dr. Girou. No conjunto continham 444 páginas e eram vendidos por 15\$00.⁸

1941 foi um ano histórico na obra de publicações em Portugal. Embora trabalhassem apenas 8 colportores,⁹ foi organizada a *Publicadora Atlântico*, e foi o ano que viu nascer a revista *Saúde e Lar*. Até ali, a literatura abordava essencialmente temas espirituais e religiosos. Desde a primeira hora a revista *Saúde e Lar* foi bastante bem recebida. O público elogiava-a e os colportores gostavam de trabalhar com ela. Nos primeiros tempos, o número de assinantes crescia a um ritmo de 1.000 por ano. Em 1943, na Assembleia da União, faz-se um voto para que a sua publicação passe a fazer-se mensalmente.

Embora nesta década os colportores regulares fossem em média de uma dezena, é de salientar o importante curso dos estudantes do nos-

so Sémínio de Portalegre que durante as férias faziam subir o efectivo às três dezenas.

Na década de 50, registou-se um novo aumento do número de colportores. Na primeira parte deste período contava-se com uma média de 22, mas no final foram ultrapassadas as três dezenas de obreiros da página impressa.

Os anos 60 são marcados pela estabilidade, e não houve grandes oscilações até meados da década seguinte.

A partir de 1975, dá-se um desenvolvimento sem paralelo na história da Obra das Publicações em Portugal. O número de colportores triplica e as vendas aumentam vertiginosamente. Para além das bênçãos de Deus, vários factores contribuíram para este enorme passo: a impressão de obras com muito boa aceitação pelo público, como, por exemplo, *Companheiros de Jornada* do Dr. H. Shryock, *Guia Prático de Educação*, do Prof. Maurício Tièche, *A Saúde pelos Alimentos e A Saúde pelos Tratamentos Naturais*, do Dr. E. Schneider, *O Grande Conflito*, de E.



Primeira Convenção de Colportagem. Lisboa, 1927.

White, etc.. Não foi menos importante o facto de muitos irmãos recém-chegados de África se dedicarem a esta importante tarefa.

Após a revolução de 1974 houve também um aumento do poder de compra dos portugueses, bem como um incremento do gosto pela leitura e desejo de informação. Nos últimos três anos desta década, tivemos um média de 96 colportores, chegando mesmo a atingir em 1978 os 102, embora metade fossem colportores a tempo parcial.

Na presente década, temos notado uma certa estabilidade. A média anual de colportores é de 93, sendo a maioria colportores regulares e já com bastantes anos de serviço.

Nos últimos dez anos adoptou-se um sistema de trabalho baseado em conjuntos de livros, no qual para além de obras sobre a saúde e prevenção, ou educação familiar, sempre incluímos um obra do Espírito de Profecia. Este sistema tem permitido que mais de cem mil livros *O Grande Conflito* estejam nas mãos da população do nosso país.

A revista *Saúde e Lar*, após 40 anos de publicação, continua a agradecer aos nossos lei-

tores, e contamos como grandes apreciadores desta publicação, conhecidos profissionais ligados à saúde e ao ensino.

Há dois anos e meio que os nossos colportores podem contar com a revista *Nosso Amiguinho*. Este empreendimento tem sido um êxito. Na última Convenção, o colportor Américo Rodrigues relatava que um dos seus pequenos assinantes perguntou à mãe porque não guardavam o sábado, já que a história bíblica do *Nosso Amiguinho* dizia que este era o dia que devia ser guardado. Quão grande poder evangelizador é este que pode levar o evangelho às crianças do nosso país!

Certamente não estará longe o dia em que muitas outras crianças, homens e mulheres de todos os recantos de Portugal se porão ao lado da Verdade, porque um dia alguém lhes levou ao lar a mensagem da salvação contida nas páginas dos nossos livros e revistas.

«É certo que alguns que compram livros os colocarão nas estantes e mesas, e raramente os olharão. Deus ainda cuida da Sua verdade, e virá o tempo em que esses li-



Convenção de Colportagem. 1988.

vros serão procurados e lidos... o Senhor coopera com seus abnegados obreiros.»¹⁰

(1) *Revista Adventista* n.º 394, pág. 8 — 1979

(2) *Revista Adventista* n.º 2, pág. 11 — 1927

(3) *Revista Adventista* n.º 394, pág. 16 — 1979

(4) *Revista Adventista* n.º 394 pág. 9 — 1979

Carta de Charles Rentfro de 12 de Maio de 1979

(5) *Revista Adventista* n.º 3, pág. 14 — 1928

(6) *Revista Adventista Ibérica* n.º 1 — 1931

(7) *Revista Adventista Ibérica* n.º 6 e 7, pág. 10 — 1936

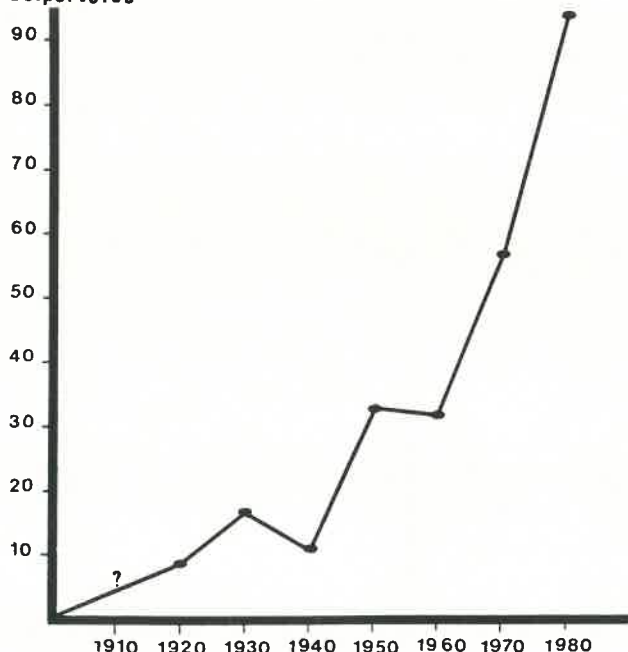
(8) *Revista Adventista* n.º 1, pág. 9 — 1940

(9) *Revista Adventista* n.º 9, pág. 13 — 1941

(10) Ellen White, *O Colportor Evangelista* — pág. 150.

Fernando Ferreira é Director do Departamento de Publicações da União Portuguesa.

Colportores



Média do efectivo de colportores em cada década

O Fiel Colportor

Quem é que vai assim de porta em porta
Falando com ardor,
Toma encomendas e ao povo exorta?
O fiel colportor.

Quem é que o sol, a chuva, a tempestade
Afronta sem temor,
E não se abate com a dificuldade?
O fiel colportor.

Quem é que sempre opõe ao trato rude
Uma frase de amor,
Sem que o mau tratamento lhe mude?
O fiel colportor.

De folhetos e livros carregado
Caminha com vigor,
E os anjos vão seguindo lado a lado
O fiel colportor.

Que tua fé e teu vigor resistam
Até o Sol se pôr
E as bênçãos do Senhor em ti persistam
Querido colportor.

Autor Desconhecido
Tradução de I.A.W.

Apresentando os nossos Colportores



Acácio e Ângela Santos

O Ir. Acácio fez a sua primeira experiência na colportagem em



1981 e descobriu a sua verdadeira vocação. Por isso, para ele, «a colportagem é o meio mais nobre e elevado, em-

bora difícil de ser simultaneamente útil ao Mestre e ao próximo.» Nesta óptica, mais importante do que vender é dar a mensagem àqueles com quem contacta. E neste ministério, o Senhor já lhe concedeu duas preciosas almas.

Às vezes, como tantos outros colegas que têm uma família a sustentar, assalta-o o receio de não vender. Isso acontecia sobretudo ao princípio. Agora, pouco a pouco, ele adquiriu a certeza de que *a Deus tudo é possível*. E relata a sua experiência:

«Um dia, cerca das 13 h, contactei um comerciante, vendi-lhe a coleção com a qual trabalho agora. Estava lá um vendedor (de brinquedos), que assistiu à apresentação. Este disse então:

— Como é possível? Estou aqui quase toda a manhã e ainda não vendi nada, e o senhor em dois ou três minutos vendeu todos esses livros!

— É que a minha obra é muito importante!

«Então, explicando e argumentando, fui-lhe também apresentando os livros e ele acabou por comprar a coleção. No fim, disse novamente:

— Mas como é possível? Não só vendo, como ainda por cima, compro!»

Outra característica deste trabalho é que permite criar determinados laços de amizade com os clientes e falar-lhes da Palavra de Deus. Um dia, Acácio vendeu uma coleção a uma senhora vin-

da de Angola e durante seis meses ia a sua casa cobrar as prestações. Aproximava-os o facto de terem ambos vivido em Angola. Diversas vezes ele procurou encaminhar a conversa para assuntos religiosos e até inscrevê-la nos nossos cursos de Bíblia por correspondência, mas ela esquivava-se, dizendo-se católica.

Em Dezembro passado, voltou a casa da referida senhora, desta vez por indicação da Publicadora, pois ela manifestara interesse em assinar a *Saúde e Lar*. Verificou então que a assinatura era para um irmão seu, que vivia em Arganil. O Ir. Acácio fez a assinatura e vendeu-lhe alguns livros. Para sua surpresa, a senhora pediu-lhe uma Bíblia. E neste momento está a seguir as lições do livro *A Fé de Jesus*, juntamente com o marido. Já foi à nossa igreja e também o irmão está em contacto com igreja em Arganil.

Às vezes, em vez de vender, o colporteur é chamado a ajudar, espiritual e materialmente. Uma vez, ao vender uma coleção a uma senhora, esta deu-lhe o nome de uma amiga que «certamente se interessaria por esses livros». Quando a contactou, o nosso colporteur-evangelista deparou com um lar onde havia dificuldades financeiras e outras. O marido estava de cama e assistia à entrevista. Dá-se então o seguinte diálogo:

— Qual é a sua religião?

— Adventista do Sétimo Dia!

— Logo vê que não era católico. E ainda bem que não é testemunha! É que a senhora tinha estudado a doutrina das Testemunhas de Jeová durante muito tempo e não se sentira satisfeita. O Ir. Acácio propôs-lhe estudar o curso de *A Bíblia Responde*. Ela já o fez e presentemente segue as lições do livro *A Fé de Jesus*. Recentemente, ao visitá-la, Acácio encontrou lá uma vizinha, esposa de um médico-cirurgião, se-

nhora muito católica, educada num colégio de freiras. Mas também esta, após um breve contacto, decidiu fazer o curso de *A Bíblia Responde*, e através dela, uma terceira senhora começou o mesmo estudo.

Ângela Maria, sua mulher, também trabalha ocasionalmente como colportora. Mãe de família e dona de casa, ela encontra ainda tempo para se dedicar a este ministério, que considera um ótimo meio de realização pessoal, dado que gosta de falar com as pessoas e fazer novas amizades.

No seu ministério, teve oportunidade de encontrar uma nossa irmã um pouco afastada da igreja. Ângela animou-a, voltou a visitá-la e levou-lhe o Trimensário das Lições da Escola Sabatina. «É um trabalho que me tem feito crescer espiritualmente, e ainda ajudar os outros!»

Nesta missão de evangelismo através da página impressa, marido e mulher podem animar-se e apoiar-se mutuamente, pois ambos têm consciência de que embora difícil, este trabalho tem sido uma bênção espiritual e materialmente para o seu lar.

Álvaro Domingues de Oliveira

exercer o seu ministério de colporteur-evangelista no Norte: «É uma escola onde se aprende cada dia, onde se luta e se ganha o pão nosso de cada dia; porém, a maior alegria que se pode sentir é que a obra não é de homens, mas do Senhor.» Este sentimento de trabalhar para Deus, aliado ao seu feito alegre e social, leva-o a prosseguir nesta profissão.



Álvaro encontra muitas vezes gente com problemas e aflições. É então a sua oportunidade de orar com eles e de os animar. Recentemente encontrou uma ex-irmã. Falou-lhe de Jesus e da igreja, convidou-a a voltar. Sensibilizada por estas palavras — e tocada pelo Espírito Santo — ela prometeu vir à igreja.

O colporteur-evangelista sente constantemente que é Deus quem o acompanha e faz prosperar o seu trabalho. Mas às vezes, são os próprios clientes que lho fazem sentir. Uma professora, a quem acabava de vender alguns livros, disse-lhe:

— Como é possível que eu, que não compro livros a ninguém desde que me conheço (a não ser em livrarias) — e tenho sido tão assediada, a todos recusei, como é possível que a si tenha comprado?

«Deus sabe, senhora professora», respondia mentalmente Álvaro de Oliveira. E também ele o sabe, cada dia mais e melhor!

O nome de Álvaro Bastos

é certamente conhecido dos leitores da *Revista Adventista*. Com o seu gosto e aptidão para a escrita, ele envia muitas vezes notícias das actividades da igreja de Viana do Castelo, à qual pertence, e das exposições das nossas publicações em que participa. A fotografia que acompanha estas linhas refere-se a uma exposição *Saúde e Lar* — *Nosso Amiguinho* realizada na cidade de Elvas, Alto Alentejo. Álvaro está precisamente a fazer uma apresentação da revista infantil *Nosso Amiguinho*.

«Fazer exposições da nossa literatura, confessa, é algo de belo, que me tem encorajado na grande missão que é ir de porta em porta até à última porta.»

Sempre bem disposto, aprecia



conviver e isso faz com que se relacione com os outros com certa facilidade. Por isso se sente tão à-vontade na colportagem, que é um permanente contacto com o público. «Eu vivó com o amor à colportagem, diz. Mesmo precisando da colportagem, eu amo e entrego-me ao trabalho que efectuo, sentindo-me realizado.»

Uma experiência que lhe é cara é o seu encontro com Rosa Mota. Foi quando trabalhava na Foz do Douro. Álvaro apresentou-lhe a nossa literatura e recebeu da atleta portuguesa a melhor recepção. Ou, como ele diz, «Rosa Mota ficou a adorar a nossa literatura!»

De facto, a sã maneira de viver que os nossos livros advogam não podia deixar de encontrar eco na atleta que sempre se manifestou sensível ao bem-estar dos seus compatriotas.

Álvaro Bastos tem a certeza de que Deus o guarda e protege. No seu trabalho, apanhou uma vez uma boleia. Minutos depois de ter deixado esse carro, o mesmo teve um grande acidente. O nosso colporteur declara: «Tenho a certeza de que Deus me protegeu, e que Deus quer que eu realize o meu trabalho na Sua obra!»

Portugal de lés a lés, enfrentando lutas e perseguições para levar a mensagem do Evangelho. Mas quantos e quantos membros estão hoje na igreja como resultado desse nobre trabalho de colportagem evangelística!

Américo Silva gosta de viajar e de contactar o povo onde quer que se encontre. Aprecia sobretudo participar em companhias com as nossas revistas. Fala a todos e a todos apresenta a nossa literatura. «A única experiência que tenho, refere, é a maneira como Deus me tem abençoado diariamente para que as almas que eu



contacto fiquem com as nossas publicações.»

Como Américo, outros jovens responderão ao apelo da colportagem evangelística: «O Senhor convida nossa mocidade a trabalhar como colportores e evangelistas, a fazer trabalho de casa em casa nos lugares em que ainda não foi ouvida a verdade. Ele dirige-Se aos nossos jovens, dizendo: 'Não sois de vós mesmos', 'porque fostes comprados por bom preço; glorificai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus'. Os que saem a trabalhar sob a direcção de Deus serão maravilhosamente abençoados.» — *Mensagens aos Jovens*, p. 220.

Colporteur de muito êxito, **Américo Rodrigues** é um verdadeiro perito a vender a revista infantil *Nosso Amiguinho* nas escolas. Declara ele:

«A maior experiência que estou a ter é saber que um bom número de crianças que recebem o *Nosso Amiguinho* se interessam pela história bíblica e estão assim a aprender as verdades de Deus.» Uma destas crianças perguntou aos pais porque não guardavam o Sábado. Os pais não sabiam o que dizer. A criança argumentou então:

— Mas a história do *Nosso Amiguinho* ensina que se deve guardar o Sábado!

Com diz a serva do Senhor: «Quantos livros existem acerca de guerras e derramamentos de sangue, que desencaminham a juven-

tude! Enquanto os lêem, Satanás se acha ao seu lado para inspirar-lhes o espírito do guerreiro a respeito do qual estão lendo, e o sangue aquece-lhes nas veias, sendo incitados a praticar acções cruéis.» O colporteur adventista possui um manacial de livros capazes de inspirarem os mais elevados pensamentos e de criarem o gosto pelo livro dos livros, a «Bíblia, nosso guia para uma vida mais elevada e melhor», [a qual] «contem as mais interessantes e instrutivas histórias e biografias que já foram escritas.» — *Mensagens aos Jovens*, pp. 277 e 273.

Nesta óptica, «a colportagem é o melhor trabalho que existe». O Senhor deu-lhe já a alegria de ganhar duas almas e «mais uma ou duas dentro de algum tempo». Não é para estar feliz?

António F. Correia é também um colporteur-evangelista de muito êxito, que já foi adjunto de Publicações. Era empregado da Carris, que deixou para dedicar-se a este trabalho, para o qual se sente particularmente vocacionado. O seu feitio alegre e a sua simpatia pessoal grangearam-lhe a estima de clientes e amigos e são em grande parte a chave do seu êxito. Com humildade, reconhece: «A colportagem tem sido o meu ganha-pão há dez anos e com ela tenho criado os meus filhos no temor do Senhor. Sinto-me realizado com este trabalho. Tudo o que sou devo-o à colportagem e ao nosso Deus.»



No plano espiritual, António Correia também tem razões para se sentir feliz: o Senhor deu-lhe a alegria de ver 4 pessoas baptizadas devido aos seus esforços e de ter colaborado no baptismo de mais duas.

Uma experiência que o impressionou bastante, ocorreu-lhe há cerca de oito meses. Ao vender uma colecção a um cliente, este disse-lhe:

— Sr. Correia, eu não acredito em alucinações, mas eu sonhei ou Alguém me disse: 'lê o *Grande Conflito*', e eu estou a lê-lo. Estou admirado com o que este livro diz. Diga-me uma coisa:

Qual é a religião que está por detrás de tudo isto?

Esta é a grande pergunta que todo o colporteur-evangelista espera. O Ir. Correia disse-lhe, evidentemente, que era a Igreja Adventista. Depois de conversarem longamente, propôs-lhe que fizesse o curso de *A Bíblia Responde*, o que ele aceitou. «Para resumir, diz António Correia, quero dizer que é um senhor muito interessado na nossa mensagem.»

Deste modo, fazendo um trabalho de casa a casa, como é do seu agrado, vai contactando com toda a espécie de pessoas, não só com a perspectiva de vender, mas também de dar a mensagem, «que é o principal objectivo do meu trabalho».

A dimensão espiritual da colportagem é algo que a diferencia do mero comércio ambulatório. E disso estão conscientes os nossos colportores-evangelistas, embora ela seja também, como é natural, um modo de ganhar a vida honradamente.

António de Jesus Ribeiro É colporteur-evangelista há 28 anos e como chefe de família tem sustentado a sua casa com esta actividade. A sua vida nem sempre tem sido fácil, mas ele tem perseverado nesta actividade e nem sérias limitações de saúde impediram que a ela se dedicasse de alma e coração. É que neste trabalho «todos os clientes são potenciais candidatos à vida eterna». Por isso, António de Jesus a todos fala da sua fé, «desde que me dêem ouvidos, embora sem a intenção de ver nisto lucros». Ou antes: ele espera resultados espirituais, e se os não vir nesta vida, conta que no Céu haja almas

que ele tenha ajudado a levar aos pés de Jesus.

Falar das profecias e explicar as Sagradas Escrituras é uma oportunidade que António de Jesus não deixa perder. Uma senhora, crente pentecostal, com quem recentemente falou a este respeito, dizia-lhe:



— O senhor explica-se tão bem que as coisas se encaixam como um puzzle, peça a peça...

E ficou com o seu número de

Amália Costa é colportora ocasional e trabalha em Lisboa. Começou este trabalho em 1981 e o seu apostolado já lhe permitiu ganhar 1 alma para Cristo.

A colportagem abriu-lhe novos horizontes sociais e espirituais. «O que conheço do mundo, diz, devo-a à Colportagem. Ela me permitiu contactar com inensas pessoas em todo o mundo.»

Américo José Silva é um colporteur recente. Trabalha apenas há dois anos e pertence a uma nova geração de colportores-evangelistas que receberam o facho dos grandes pioneiros que durante oito décadas percorreram

telefone para lhe telefonar. «Mas até agora ainda não telefonou», lamenta o nosso irmão. E desabafa com certa desilusão: «Dou estudos, oro, dou literatura, etc., mas não sei de ninguém que se tenha baptizado.»

Diz Ellen G. White: «Estão iminentes os perigos dos últimos dias, e na nossa obra temos de advertir as pessoas do perigo em que se encontram. Não permaneçam sem ser abordadas essas cenas solenes que a profecia revelou... Fale Daniel, fale o Apocalipse, e digam o que é a verdade.» *Evangelismo*, p. 195. O importante é, pois, falar, explicar, advertir. Porque, como diz o Senhor, «Assim será a palavra que sair da minha boca: ela não voltará para mim vazia, antes fará o que me apraz e prosperará naquilo para que a enviei» (Isa. 55:11).

Já não é jovem e veio do Brasil, onde exercia outra actividade. Esta é a sua primeira experiência na colportagem e tudo leva a crer que seja também a sua verdadeira vocação. Eis uma breve apresentação do Ir. **António Manuel Morais**. Deus o chamou para este trabalho, onde o seu êxito tem sido constante e surpreendente, não só do ponto de vista material, mas também espiritual, pois o Senhor abençoou o seu ministério com 4 preciosas almas. Aliás, esse é o seu grande alvo: levar o conhecimento da mensagem do Advento.

O obreiro da página impressa encontra muitas vezes pessoas doentes e com problemas. Isso impressiona sempre o nosso irmão, que procura animá-las falando-lhes de Jesus. Esse é, aliás, o conselho que nos é dado: «Procurai estimular nos doentes a confiança em Deus. Recomendai-lhes estarem de bom ânimo. Falai de esperança mesmo até ao fim.» — *Mensagens Escolhidas*, vol. I, pág. 85. «Como o orvalho e a chuva silenciosa caem sobre as plantas ressequidas, assim deixai cair suavemente as palavras quando buscais atrair o homem do erro.» — *Obreiros Evangélicos*, p. 502.

Na realidade, como diz o Ir. Antonio Morais, a colportagem «é uma maneira de levar a mensagem de salvação aos perdidos», mas é «também uma fonte de receita para as despesas do meu

lar.» Num e noutro aspecto, o colporteur-evangelista depende da bênção de Deus e disso está bem consciente.

Não pudemos contactar com o Ir. **António Lima**, colporteur-evangelista que trabalha na Beira-Baixa, por ele se encontrar ausente no estrangeiro. Mas alguns dados colhidos na sua ficha de colportagem permitem-nos uma breve apresentação deste nosso irmão.

António Lima começou a trabalhar em 1975 e está presente em Carregal do Sal, cujo grupo ajudou a formar e do qual é ancião. Sabemos, igualmente, que por seu intermédio algumas almas foram baptizadas, mas a sua ficha menciona apenas 2, possivelmente as que têm relação directa com a colportagem evangelística.

O Ir. Lima é um dos colportores que já trabalharam como Agentes de Publicações. O Departamento nomeia estes irmãos para que durante algum tempo eles possam dar uma colaboração mais específica, ajudando e estimulando os seus colegas, directamente no campo, e fá-lo baseado em disponibilidades pessoais e em factores de êxito no trabalho, mas procura também que esta experiência seja um pouco rotativa.

António Pedro da Fonseca Simões Silva

veio de Moçambique aquando da independência daquele país. Obrigado a deixar o seu posto de trabalho e tudo o que com tanto esforço conseguira, passou momentos difíceis, que ainda lhe é penoso recordar. A colportagem surgiu como uma possibilidade de ganha-pão e como a concretização de um velho sonho: transmitir a outros a mensagem de Jesus.

O Ir. António Pedro pertence a uma velha família de crentes, muitos dos quais abraçaram mais tarde a mensagem do Advento. Por certo que a sua fé tem sido um grande baluarte para enfretrar

os reveses da vida e para prosseguir nesta actividade, que desenvolve há 13 anos e na qual tem tido razoável êxito. «Não percamos a coragem. Não falemos de dúvidas, mas de fé; pois a fé traz infinito poder. Caso lancemos mão desse poder, e não confiemos em nossa própria força humana, veremos a salvação de Deus.» — *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 85.

Trabalha há 16 anos na colportagem, mas as coisas não têm sido fáceis. Só muita fé e coragem o têm ajudado a continuar como colporteur-evangelista. Eis o que nos conta **António da Silva Dias**. «Tenho lutado para me manter neste nobre serviço, visto que no início fiz um voto de só terminar na volta de Jesus. Tem sido difícil, mas, com Deus, penso cumprir a promessa.»

António Dias sabe que está realizando um trabalho para Deus e que a colportagem evangelística tem um alcance que ultrapassa os limites da própria vida. Diz a irmã White: «Não podemos avaliar de demasiadamente esta obra; porque, não fossem os esforços do colporteur, e muitos nunca ouviriam a advertência.» *O Colporteur Evangelista*, p. 6. Porém, mesmo nesta terra, o Senhor já lhe concedeu a alegria de três almas ganhas. «O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas sábio é.» (Prov. 11:30)



Artur Guimarães é o actual Adjunto das Publicações da Área Norte. Começou a colportar quando era ainda estudante, casou e continuou a sua carreira de colporteur-evangelista. O Senhor tem-no abençoado nesta sua actividade, de modo que hoje pode partilhar com outros a experiência adquirida em 14 anos de trabalho.

Não sabe se já contribuiu para que alguém se baptizasse, mas, diz, «Tenho a esperança interior de ter despertado alguém para a salvação.»

De facto, há anos, conseguiu



fazer com que um cliente seu que fumava bastante fosse assistir a um Plano de 5 Dias para Deixar de Fumar. No segundo dia do curso, este homem deu-lhe o seu último maço de cigarros.

Tinha conseguido vencer o vício! Começou então a receber estudos bíblicos e tudo parecia bem encaminhado. Mas, talvez mesmo por causa do tabaco, passado pouco tempo, este senhor morreu vítima de um cancro.

Há um grande trabalho a fazer neste domínio. «Devem os nossos colportores chamar a atenção dos que visitam, para as nossas publicações sobre saúde.» — *Serviço Cristão*, p. 152. Aliás, muitos são os que vieram para a igreja atraídos por esta mensagem única que, como povo de Deus, tivemos o privilégio de receber. O obreiro da página impressa, através dos livros que coloca, é um elemento útil à sociedade, na medida em que contribui para o bem-estar físico e espiritual do povo.

A exemplo de outros colportores-evangelistas, Artur Guimarães acha que a colportagem é «importante como meio de penetração em lugares onde nunca chegou a mensagem». Por isso «os colportores precisam de muito apoio e orações por parte de todos os irmãos». E conclui: «No plano espiritual, é óptimo, porque o meu trabalho antes de mais ajuda-me a exercitar a fé, a depender constantemente de Deus e a sentir a Sua presença em tudo.»

Augusto Mendes Trabalha actualmente na zona do Alto Miúdo e entrou para a colportagem

em 1976. Naquela zona, ele tem distribuído como «folhas de Outubro» grande número de livros e revistas. Certamente que estas publicações não deixarão de produzir os seus frutos, pois que «brilhantes raios de luz devem irradiar de nossos livros e revistas, para iluminar o mundo a respeito da verdade presente.» — *Testimonies*, vol. 8, p. 87.

Brás Sotero é um homem de trato afável e palavra fácil. Este dom pessoal e a experiência de 13 anos de colportagem evangelística fizeram dele um amigo respeitado por clientes e vizinhos. O seu discurso fluente, adaptado ao interlocutor de momento, faz com que este obreiro se sinta verdadeiramente realizado quando discute assuntos espirituais.

Ao princípio de colportar, Brás Sotero tentou apresentar a nossa literatura a uma vizinha, testemunha de Jeová, mas ela recusou. Porém, o Ir. Brás na desarma facilmente: passados alguns dias ofereceu-lhe um exemplar do *Grande Conflito*. Ela também não queria, mas acabou por aceitar.

Como vizinhos, o nosso colportor encontra-a algumas vezes e fala com ela. Um destes dias, para sua surpresa, é ela que se dirige a ele:

— Lembra-se do livro que me deu? É extraordinário. Só que já não o tenho. Empréstei-o não sei a quem. Por favor, queria outro *Grande Conflito*, mas para pagar.

E o Ir. Sotero conta com entusiasmo: «Esta senhora já deixou as Testemunhas, embora declare que não quer ir para mais lado nenhum. Mas a semente lá está.» A semana passada (fins de Abril), encontraram-se de novo casualmente.

— Vinha mesmo a pensar em si, por causa da revista *Sinais dos Tempos* que deu ao meu marido, aonde fala no Espírito Santo, na divindade de Jesus, no sangue e nos mandamentos. Foi sempre uma luta que tive lá na minha congregação: os mandamentos são 10 e não 9, e o inimigo é que faz com que as pessoas estejam lutando contra a lei de Deus.

Não é maravilhoso? Quão

grande caminho esta senhora percorreu em 13 anos! Diz o Ir. Sotero: «O marido já foi à nossa igreja e seguiu o Seminário do Apocalipse, mas era a esposa que em casa o ajudava a preencher as lições. Estou convencido de que o Espírito Santo está trabalhando com cada alma em particular e há almas sinceras em todas as congregações.»

Brás Sotero só tem conhecimento de uma alma ganha através do seu trabalho, mas está convencido de que «muitas mais lá estarão naquele dia, até aqueles que aqui não tínhamos esperanças de que viessem a aceitar Jesus.» Esta é uma esperança que anima muitos colportores-evangelistas.

Carlos Alexandre é um colportor regular que trabalha no distrito de Vila Real. Iniciou o seu trabalho há 6 anos. Como não havia território disponível em Viseu, lugar onde vivia, deixou ali a sua família e foi para Vila Real, onde alugou um quarto. Foi-se adaptando ao trabalho, fez o seu estágio e entretanto a família foi também para Vila Real. Ali têm feito um bom trabalho, na igreja e na Colportagem, e Deus os tem abençoado grandemente.

Sentindo-se diariamente dependente do auxílio de Deus para superar os grandes desafios que se lhe colocam, confessa: «A responsabilidade é grande e sou muito pequeno para tão vastas necessidades». Todavia, lembra-se do encorajamento que o Senhor deu a Josué e ganha novo ânimo: «Não to mandei eu? Esforça-te e tem bom ânimo; não pases, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo por onde quer que andares.» (Josué 1:9).

Carlos Alexandre já ganhou uma alma, e presentemente está dando estudos bíblicos a um casal de professores que contactou no seu trabalho e fizeram a assinatura de revista *Sinais dos Tempos*.

Carlos Alves veio de Angola por altura da descolonização e cresceu na igreja de Espinho. Educado por sua mãe, crente sincera no Advento, Carlos ingressou na colportagem evangelística

em resposta a um apelo para vocações cristãs no fim de uma Semana de Oração.

Carlos trabalha desde 1983. É um colportor regular e a sua ficha indica dois baptismos que o Senhor lhe concedeu como resultado do seu apostolado cristão.

Carlos Jales segue as pisadas de seu pai Ernesto Jales, também colportor-evangelista. Gosta do seu trabalho, fala seja com quem for e os leitores da *Revista Adventista* estarão lembrados do seu contacto com o Sr. Secretário da Educação do Governo Regional da Madeira (RA de Abril de 1988), quando trabalhava naquela ilha.



Carlos pensa que falar com o povo, animá-lo no seu dia a dia é algo de gratificante para o colportor adventista e que ele não pode perder de vista este objectivo espiritual. E diz: «Sem ser uma realização, é um trabalho cuja finalidade e objectivo me dão ânimo para continuar.»

Este aspecto espiritual, que muitos outros colportores salientam, é de facto o que há de mais importante. Eis o que Ellen White escreveu em 1885: «Dentro em breve converter-se-ão em um dia mais de mil pessoas, a maioria das quais atribuirão à leitura de nossas publicações as suas primeiras convicções.» — *Review and Herald*, 10 de Novembro de 1885.

Por outro lado, o colportor sente diariamente a mão de Deus a guiá-lo e só assim se explicam certos resultados. Recentemente, por exemplo, ao visitar uma fábrica de congelação, recebeu autorização para apresentar os seus livros e em cerca de 20 minutos vendeu 14 colecções. «Só pelo poder de Deus isso foi possível», conclui o nosso irmão. É esta dependência, esta necessidade diária do poder de Deus que o colportor sente e vive dia a dia.

Carlos Miranda já ganhou duas almas e espera que este número suba em breve para quatro. Isto em Portugal, porque em Moçambique, de onde veio em 1975, tem mais quatro preciosas almas baptizadas, embora então ele mesmo não fosse ainda baptizado.

No seu trabalho, como gosta de frisar, «há dois aspectos a considerar: o espiritual e o material. Se tiver oportunidade de falar na Palavra Viva, não me importo de ficar o dia todo sem colportar. Já o fiz diversas vezes. Mas, como é óbvio, preciso de angariar assinantes e vender livros para sobreviver. Mas isso não é o mais importante para mim.»

Estas são palavras, que muitos colportores-evangelistas poderiam subscrever, pois não é possível dissociar estes dois planos da colportagem adventista.

A região em que o Ir. Carlos Miranda trabalha — Beira Alta — é, como se sabe, predominantemente católica; por isso qualquer aspecto espiritual do trabalho tem de ser feito com tacto e sabedoria. Recentemente, ele contactou com uma senhora que se separara do marido. Ela não pensa em frequentar a nossa igreja, mas compra todos os nossos livros e revistas e quer que sua filha siga as normas adventistas. A Palavra do Senhor há-de produzir os seus frutos. Essa é a promessa que anima o ministério destes mensageiros do Senhor.

Num outro lar, conta ainda Carlos Miranda, o contacto com o colportor-evangelista evitou que a família consultasse uma médium espírita e, em vez disso, levou-lhes o Pastor Eduardo Teixeira para os ajudar a orar por eles. Quando lá chegaram, a cena a que assistiram foi pavorosa, «mas por fim o poder de Deus venceu: acalmaram, choraram, pediram as nossas orações.» Esta experiência ainda não terminou. Casos destes, sabemos-lo da boca de Jesus, precisam de muita oração e este é um ministério que o Ir. Miranda tem bem a peito, dado que o Senhor já o atendeu em muitas orações pedindo cura. «Cristo tem todo o poder no Céu e na Terra. É o Grande Médico a quem temos de invocar quando a padecer enfermidade física ou espiritual. Sobre os ventos e as ondas, e sobre os homens

possuídos de demónios, mostrou Ele possuir absoluto domínio.» — *Mensagens Escolhidas*, vol. I, p. 83.

«A experiência que mais me toca, diz o colportor **Carlos dos Santos Ferreira**, é constatar, nos oito anos e meio de trabalho já desenvolvido, que Deus dirige o meu trabalho e que cada dia me encaminha alguém que está disposto a comprar os meus livros, possibilitando-me alcançar o pão de cada dia e partilhar de uma forma ou outra a minha fé e os saudáveis princípios da vida.»



Também sua mulher, **Celeste Manuela**, tem trabalhado ocasionalmente na colportagem, colaborando neste ministério do seu marido. O casal tem bastante êxito e sempre viveram desta actividade. Carlos já colportava em solteiro.

Carlos Ferreira acha que o trabalho de colportagem deveria ser mais conhecido pela igreja. Esta é, aliás, a finalidade deste número da *Revista Adventista*, consagrado à colportagem. Certamente que conhecendo os problemas e vitórias deste trabalho, as suas lutas e realizações, compreendendo e valorizando os seus objectivos, a igreja responderá orando por estes obreiros da vinha do Senhor.

Claudete Teixeira é colportora-evangelista desde 1976, altura em que veio de Angola, e encontra-se presentemente a tra-

balhar na área de Leiria.

A colportagem é para ela, segundo diz, uma verdadeira vocação: «Acho que não saberia viver sem a colportagem.»

De abordagem cativante, Claudete sente-se bem à-vontade ao contactar com os outros e ao transmitir-lhes a sua fé. O Senhor deu-lhe o privilégio de contribuir para o baptismo de 3 pessoas e isso constitui uma das maiores alegrias do seu ministério.

Deus chama para a Sua seara na manhã ou na tarde da vida e o êxito não tem forçosamente uma relação com a idade. «Não é a extensão de tempo que trabalhamos, mas a nossa boa vontade e fidelidade na obra, que a torna aceitável a Deus.» — *Obreiros Evangélicos*, p. 501.

O Ir. **Cristóvão Pereira** é um exemplo vivo desta realidade. Embora com mais de setenta anos de idade, continua activo, sendo um colportor de êxito. Era já reformado (controlador de tráfego aéreo) quando abraçou a colportagem evangélica e a ela se tem dedicado com zelo e coragem. O contacto humano que ela proporciona e a oportunidade de falar do Evangelho são factores decisivos desta sua entrega. Acha que não há nada tão gratificante como ajudar as pessoas nos seus problemas e angústias. E relata o caso de uma senhora que recuperou o ânimo através do livro *Paz na Angústia* que lhe vendeu. É que um colportor pode ajudar de dois modos: pessoalmente, quando contacta com o povo, e mais tarde, quando os seus livros falam por si.

É certo que às vezes surgem situações difíceis, e quem as não tem? O colportor tem de estar preparado para as ultrapassar. Um dia, o Ir. Cristóvão foi mal recebido por um senhor analista, que o pôs na rua sem lhe deixar fazer a sua apresentação. Cristóvão Pereira, não perdeu a serenidade, pediu desculpa e saiu calmamente. Passados alguns meses, passou à porta do laboratório em que o tal senhor trabalhava, e ele estava à porta. O nosso irmão ia retirar-se para passar despercebido e evitar uma situação semelhante à anterior, quando o analista o chamou e lhe disse:

— Não se vá embora, espere um momento, que quero falar-lhe.

O Ir. Cristóvão esperou.

— Quero pedir-lhe desculpa da maneira incorrecta como o recebi há algum tempo e desejo que me informe do que vende.

Depois da apresentação, ele comprou os livros do Dr. Schneider e o *Conflito dos Séculos*. E disse-lhe que voltasse lá quando tivesse outros livros. Algum tempo depois comprou a colecção que inclui os livros do Dr. Aguillar e *O Desejado de Todas as Nações*. Remate do Ir. Cristóvão: «E assim ele ficou meu amigo, que me cumprimenta sempre que nos encontramos.» «A resposta branda desvia o furor» (Prov. 15:1), dizem as Escrituras, o maior livro de ética humana.

Daniel Cem veio de Angola com o objectivo de terminar o liceu e ir estudar teologia. Para se manter, e à sua família, este antigo professor de instrução primária dedicou-se à colportagem evangélica. O seu êxito tem sido uma grande revelação. De abordagem fácil, sempre bem disposto, ele não só vende, mas «faz amigos e candidatos ao Reino de Deus». Ele mesmo confessa: «Sinto que as pessoas se sentem felizes e confortadas com a minha presença.»



Daniel tem alguns clientes a fazerem o curso de *A Bíblia Responde*. Além disso, como ancião da igreja do Barreiro, tem estudos bíblicos e contactos missionários regulares. Dá também estudos a uma senhora que contactou através da colportagem e um outro casal de assinantes da revista *Sinais dos Tempos* já veio três vezes à igreja e possui a Bíblia.

Quando alguém dedica a sua vida à colportagem evangélica, torna-se servo do Senhor a tempo inteiro. Um dia, Daniel descansava num jardim e começou a conversar com um homem que estava sentado no mesmo banco. Descobriu que ele era um ex-adventista. Como resultado desse contacto, ele mostrou desejo de voltar à igreja e Daniel Cem deu o seu nome aos irmãos de Gene-

ral Roçadas, a que ele um dia pertencera.

Daniel tem tido experiências muito interessantes. Contactou, por exemplo, com uma senhora que tinha graves problemas com o marido e estava a ponto de separar-se. «Hoje, diz o colportor, as coisas vão melhor. A senhora arranhou um emprego e eu estou dando estudos bíblicos a ambos. É um casal jovem. Já vieram uma vez à igreja central. O marido deixou de fumar e eu acho que eles estão no ponto da decisão.»

Um outro caso. Bateu à porta de uma senhora quando esta ia a sair. Ela disse-lhe que se quisesse podia voltar ao fim da tarde e falar com o seu genro. Daniel voltou. Eles pensavam que era das Testemunhas de Jeová, pois associavam a *Saúde e Lar* à Bíblia. Marcaram um encontro para o domingo seguinte. Conclusão: ele assinou a *Saúde e Lar* e assistiu a toda a campanha Schulz. Já tem vindo várias vezes à igreja.

Como pode este homem, pai de quatro filhos, estudar — está a terminar o 12.º ano — colportar, e manter-se espiritualmente tão activo? O segredo está nesta sua declaração humilde e sincera: «Não me considero um vendedor de livros. Sou um missionário activo em preparo para continuar um missionário ainda mais activo e bem preparado. Tenho tido muitas ofertas de emprego. Mas escolhi a colportagem e nela me mantenho por vocação e com a graça de Deus.»

Domingos Freixo é Adjunto de Publicações da Área Centro. Está há seis anos em Pombal, sendo ancião da igreja local.



Começou a trabalhar em 1974 e, como diz, «quantas bênçãos, quantas experiências, quanto caminho percorrido ao lado do Mestre! Deus seja louvado pela obra que a colportagem operou em mim ao longo destes 15 anos!»

Uma das mais belas experiências que viveu foi a sua estadia na ilha da Madeira, como colportor-evangelista. Sentiu que os irmãos ali valorizavam muito o seu trabalho e teve diversas oportunidades de colaborar directa e estreitamente na obra de evangelização.

O Ir. Freixo não tem conhecimento de que alguma alma tivesse sido baptizada como resultado do seu trabalho de colportagem. «No entanto, diz, dá-me alegria pensar que o Espírito Santo me usou nas igrejas onde tenho passado para levar à decisão por Jesus várias pessoas. «E acrescenta: «Nesta altura, estamos vivendo momentos felizes depois de termos realizado mais uma «Campanha Maranata» na Vila de Soure, onde o Senhor nos concedeu dez almas para instruir e vivo a alegria e antegoço do dia 29 de Julho, quando algumas delas descerão às águas do baptismo.»

Como Adjunto de Publicações, Domingos Freixo é chamado a apoiar e ajudar os seus companheiros da obra da página impressa. Consciente dessa missão, o seu desejo é «que Deus faça de mim um estímulo para ajudar os meus queridos colegas a avançarem e a empenharem-se nesta nobre tarefa».

Ernesto Santos Jales já ganhou 8 almas através do ministério da colportagem, pois como afirma, o seu grande objectivo neste trabalho é falar do Evangelho. Trabalha há 15 anos e deve ser em breve aposentado. Mas não do trabalho missionário, pois



este aspecto é o que mais valoriza, dado que a «colportagem tem sido uma bênção para o seu lar e a sua vida espiritual».

O Ir. Jales tem tido algumas boas experiências e neste momento está a trabalhar com uma senhora divorciada, mãe de dois filhos, que era assinante da *Saúde e Lar* e mudou para a revista *Nosso Amiguinho* por amor destes e devido a limitações económicas. Diz ela que espera que esta revista seja muito útil aos seus filhos. Já veio diversas vezes à nossa igreja.

Conta ele, também, que no princípio do seu ministério passou por uma experiência de alguns dias de pouco êxito. Bateu então a uma porta velha, não viu ninguém, empurrou a porta e chamou. Para sua surpresa, surgiu uma voz no escuro. Era um homem idoso, que lhe perguntou o que queria. O nosso irmão apresentou-lhe o livro *Saúde pelos Alimentos*, embora pensasse que ele não se interessaria. Mas ele disse:

— Quero esse livro. Tem mais algum?

O Ir. Jales foi apresentando todos os seus livros e ele comprou todos. Mandou-o entrar, falaram... e ele deu-lhe a mensagem. A luz rompeu aquelas trevas materiais e espirituais e uma alma encontrou o Salvador.

Euclides Alves conheceu a mensagem através de um tio, ele mesmo antigo colportor, Rodrigo Vieira, que muitas vezes falava do seu trabalho com saude e entusiasmo, animando-o a fazer uma experiência.

Um dia, este moço humilde mas sincero, entusiasta e persistente, deixou as suas ferramentas de pintor da construção civil e tornou-se colportor-evangelista. «A princípio foi difícil, recorda ele, mas passada a fase inicial, tudo se modificou. Comecei a ver que Deus me chamara para aquele trabalho. Uma vez, como estávamos perto da Páscoa, falei de Jesus a uma senhora. Depois de três horas, ela disse-me:

— Nada acontece por acaso. Foi Deus que o enviou ao meu encontro!»

Euclides pensou então: «Esta senhora precisa de *O Conflito dos Séculos*». Embora com certo receio, fez a apresentação e ela

comprou. Esta experiência foi muito importante para ele. Dizerem-lhe que «Deus o tinha enviado» é algo que cala sempre bem fundo no apostolado do colportor-evangelista. Agora a semente está lançada. O crescimento pertence a Deus.

Vindo de Angola, onde já era colportor-evangelista, **Eurico Dias** é um colportor de êxito e já por diversas vezes foi chamado às funções de Adjunto de Publicações, que desempenhou, também, com muita competência e sucesso.

Eurico Dias trabalha actualmente na área de Lisboa, e pertence à igreja central, onde é ancião e onde tem desempenhado vários cargos, particularmente da Escola Sabatina e Actividades Missionárias, para que é particularmente dotado.

A colportagem tem sido, por conseguinte, toda a sua vida. Nela tem vivido e trabalhado para o Senhor e com ela tem educado os seus quatro filhos nos caminhos de Deus, como cidadãos úteis à Pátria e à Igreja.

Florinda Cabrito é colportora ocasional. O facto de ter filhos pequenos, muito dependentes dela, impede-a de se dedicar mais a este trabalho, de que gosta muito e para o qual revela franca aptidão. Trabalha desde 1986, consagrando-lhe todo o tempo que pode.

Francisco de Carvalho trabalha na zona de Vila Franca de Xira e é colportor-evangelista desde 1981.

Diz ele que decidiu fazer este trabalho por «sentir que é um trabalho que é necessário fazer», pois sabe que é uma maneira de levar o Evangelho a pessoas que, de outro modo, nunca dele teriam conhecimento.

Diz a serva do Senhor: «Há muitos que, por causa do preconceito, jamais conhecerão a verdade, a não ser que lhes seja levada ao seu lar. O colportor pode achar essas almas e ajudá-las.» — *O Colportor Evangelista*, p. 80.

Francisco Monteiro da Silva é cunhado de Euclides Alves e dele recebeu o conhecimento da mensagem adventista. O incitamento para entrar na colportagem veio-lhe do mesmo tio Rodrigo Vieira. E em boa hora o fez, porque, embora fosse o desejo de fazer trabalho missionário que de facto o impeliu, o certo é que a colportagem lhe abriu também inesperados horizontes sociais e intelectuais.

Francisco veio sozinho para Lisboa, aqui conheceu e casou com uma colportora, **Rosa Nobre Cavaco**, e ambos se têm mantido e estudado com esta actividade. Rosa continua a trabalhar como colportora ocasional e Francisco está neste momento a concluir o 12.º ano da área de Clássicas. Simultaneamente, colabora activamente nas actividades missionárias da igreja de Lisboa, dirige um Seminário do Apocalipse em casa de uma família de seis pessoas cuja esposa é ex-adventista, trabalha com mais sete pessoas, e mantém um trabalho regular de visitação e estudos bíblicos. O Senhor já lhe concedeu quase uma dezena de baptismos e colaborou em alguns outros. Espera, até ao fim do ano, ajudar a ganhar mais seis almas.

«A colportagem, diz, é um dos meios mais eficazes de trabalhar para Deus na obra de salvar almas», e faz sua a mensagem de Habacuc 3:17 e 18: «Ainda que a figueira não floresça, não haja fruto na vide, o produto da oliveira minta, e os campos não produzam mantimento, as ovelhas da malhada sejam arrebatadas e nos currais não haja vacas, todavia eu me alegrarei no Senhor: exultarei no Deus da minha salvação.»

Deste modo, este antigo canteiro é hoje artífice do Reino Deus, sendo ele mesmo uma pedra escolhida para dar a outros o conhecimento da «Pedra Preciosa» e «de esquina» que é o Senhor Jesus.

Hélio Vasques é ainda jovem e começou a trabalhar em 1985, embora anteriormente tivesse tido uma experiência como colportor-estudante. Declara: «Aprendi mais em quase quatro anos de colportagem do que em doze anos de escola (subtendida

-se no nosso aspecto prático)! Aprendi também a conhecer as pessoas e a lidar com elas!»

Este jovem afável, que adora conversar e travar novos conhecimentos, encontra muitas vezes gente desanimada e com problemas, «especialmente os idosos, que são os que mais sofrem». Isto sempre o impressiona e espera que os seus livros — as suas palavras! — possam ser um bálsamo ou um raio de esperança para eles!

Hélio sabe que foi o Senhor que o chamou para este trabalho e já por diversas vezes tem visto a mão do Senhor preparando o seu caminho e abençoando-o. Várias vezes tem encontrado clientes que lhe fazem a seguinte observação: «Não sei como é que comprei estes livros (ou revistas). Alguma coisa me fez agir diferentemente do habitual!»

«Os que assumem esta obra como devem colocam-se onde aprendem de Cristo e seguem Seu exemplo. Anjos são comissionados a ir com os que tomam esta obra na devida humildade.» E. G. White, *Manuscrito 26*, 1901.

Colportor há 9 anos, **Henrique Jorge Fernandes Santos** foi encorajado por seu tio Ernesto Jales a fazer esta experiência.



Henrique Jorge possui um elevado conceito da colportagem evangelística e gostaria que os crentes «nunca considerassem os colportores como 'vendedores', mas vissem a sua profissão como ministros do Evangelho, que de facto são, pois pregam a Cristo, não só pela palavra oral, mas também pela palavra escrita.»

Aliás, isto está de acordo com a seguinte declaração do Espírito de Profecia: «O Colportor inteligente, temente a Deus e amante da verdade ... ocupa uma posição igual à do ministro evangélico.» — *O Colportor-Evangelista*, p. 44. E tão importante é esta actividade, que a irmã White recomenda que os ministros colportem, mas insiste em que os colportores não devem ser retirados do seu campo para serem empregados noutras actividades. *Ibidem*.

Honório Alberto é um jovem que trabalha na ilha da Madeira, sua terra natal. O campo é difícil, mas Honório tem bom



ânimo e percorre a sua bela ilha, onde conta muitos amigos e clientes, sobretudo entre os professores, levando a todos uma palavra de esperança e paz. «A colportagem, diz, é o único trabalho que me deixa estar mais em contacto com Deus.»

Num lugar de tanto turismo, uma actividade como a colportagem só pode ser coroada de êxito pelo poder de Deus. Vender livros religiosos, sobre educação e saúde a madeirenses é um permanente milagre. Mas, como nos diz a serva do Senhor: «Os colportores que nasceram de novo pela obra do Espírito Santo serão acompanhados pelo anjos, os quais irão adiante deles às residências do povo, preparando-lhes o caminho.» — *O Colportor Evangelista*, p. 86.

A vida nem sempre tem sido fácil para o colportor-evangelista **Isaías da Silva**. Em 38 anos de colportagem, muitas são as vicissitudes por que passou, muitos os desânimos e as tribulações. Mas, louvado seja Deus, muitos foram também os momentos de alegria, de gratificante recompensa e certeza da presença de Deus: 9 almas lhe concedeu o Senhor como resultado do seu ministério e do seu aposlado missionário.

«Por intermédio dos livros que tenho vendido, declara, já um sa-



cerdote comprou toda a nossa literatura, incluindo todos os livros da nossa irmã White, todos, e presentemente é um amigo meu e assinante das revistas *Saúde e Lar* e *Sinais dos Tempos!* Do mesmo modo, há um professor primário e uma família, mãe, filhos e avó.» Experiências como esta fizeram-no compreender que «dar a mensagem é a melhor coisa, logo se fica com outros novos amigos».

Um ex-adventista que encontrou no decurso do seu trabalho e que visita regularmente tem uma família que se interessa muito pela nossa literatura e por isso os seus netos são leitores da revista *Nosso Amiguinho* e dos *Cadernos Bíblicos Infantis*. A mãe deles deseja sempre mais literatura infantil, pois acha que é um útil auxiliar de formação moral. Por outro lado, Isaías deixa-lhes sempre folhetos, a revista *Sinais dos Tempos*, etc., na esperança de virem a interessar-se pela igreja.

«A colportagem é um meio honrado de ganhar a vida e de fazer trabalho missionário», diz este ministro da página impressa há quase 40 anos.

Reformado relativamente cedo, **Jaime Salgueiro Batalha** abraçou a actividade da colportagem evangelística, para a qual se sentira sempre atraído. De facto, possui um bom espírito missionário, o que o leva a dizer: «Para mim, trabalhar para o Se-



nhor é tudo na vida!»

No entanto, nem tudo são facilidades e às vezes surgem algumas nuvens no que toca a vendas. Mas o Ir. Batalha descobriu um excelente meio de vencer: orar e cantar hinos! Ou não lhe estivesse no sangue a veia musical que em seu filho atinge maior plenitude [o jovem Luís Batalha, da igreja de Coimbra].

Jaime Batalha já ganhou uma alma para o Senhor, mas está empenhado em novos contactos de que espera alguns resultados. Trabalha presentemente com três senhoras que estão a fazer o curso *A Bíblia Responde*. E diz: «Estou muito satisfeito com elas, porque estão a gostar muito do curso. E estou também a trabalhar com uma senhora baptista que já está de acordo com o dízimo e com o Sábado.»

A colportagem é, por conseguinte, um meio extraordinário para levar almas a Cristo. «Nossas publicações estão agora semeando a semente do Evangelho, e são instrumentos em levar a Cristo tantas almas quantas a palavra pregada.» — E. G. White in *Review and Herald*, 10 de Junho de 1880.

Jared Guimarães é um jovem brasileiro que se encontra presentemente em Portugal, onde parece desejar viver toda a sua vida e ministério. Está neste momento a trabalhar na área do Porto.



Jared aprecia o seu trabalho de colportor-evangelista, que considera «um privilégio e uma maneira de colaborar na Obra do Senhor». Reconhece que a oração é o meio de vencer todas as suas dificuldades. «Por cânticos de louvor, por humildes e sinceras orações, muitos serão alcançados, O Obreiro Divino estará presente para enviar convicção aos corações.» — *Testimonies*, vol. 0, p. 34.

Quando trabalhava na área de Viseu, Jared encontrou um senhor que vivera em Moçambique e lhe perguntou a que igreja pertencia aquela obra. Quando soube que era à Igreja Adventista, disse:

— Ah, muito bem. Eu conheço a Igreja Adventista de Moçambique. Se tiver mais livros destes, envie-me. Envie-me todos os que tiver, porque eu gosto muito do vosso trabalho.

Assim, a semente lançada em distantes terras africanas foi regada em Viseu. Um dia ela dará fruto, pois «o crescimento pertence a Deus».

João Dias Ferreira veio da África do Sul, onde era emigrante e um elemento muito activo na igreja portuguesa. Veio com o objectivo de se lançar no comércio, actividade que já exercia na República da África do Sul.

Em 1988, quando chegou, soube que ia haver um curso de iniciação na Escola de Colportagem e decidiu inscrever-se. Fez o curso e acabou tomando a resolução de se dedicar a esta actividade.

Trabalha com bastante êxito e tem já boas experiências no trabalho missionário em Portugal. A obra das publicações adventistas tem certamente nele um valioso elemento de quem há muito a esperar.

João Miguel Guerreiro

Orrico está a dar agora os primeiros passos na colportagem, mas adquiriu já a certeza de que é um trabalho que exige muita perseverança e oração. Está confiante, pois sabe que pode contar com o auxílio de Deus e anima-se com a seguinte promessa: «Os que trabalham para o bem de outros estão trabalhando com os anjos celestiais.... A mais alta educação, a verdadeira cultura e o mais exaltado serviço possível aos seres humanos neste mundo lhes pertencem.» *O Colportor-Evangelista*, p. 110.

Ana Maria, sua mulher, também trabalha como colportora ocasional. Este é um casal jovem, com grandes possibilidades de vir a fazer um bom trabalho. Citamos uma declaração da irmã White a respeito do trabalho de colportagem feminino: «As nossas irmãs podem trabalhar eficazmente em angariar assinaturas para nossas revistas, pondo assim a luz perante muitos espíritos.» — *Serviço Cristão*, p. 151.

José Alves Pacheco trabalha na colportagem evangelística há 15 anos, quando veio de Angola e se viu a braços com uma situação de desemprego. Mas aqui estava a sua verdadeira vocação, pois de imediato colheu óptimos resultados materiais e espirituais. Calcula que já ajudou a ganhar cerca de 50 almas, aqui e em Angola, e isso é-lhe deveras gratificante. Para ele, «colportar é dar a mensagem, e o resto vem por acréscimo».

O livro que mais gosta de vender e que pensa que o tem ajudado no seu ministério espiritual é *O Grande Conflito*. E com isso concordava Ellen White, que escreveu em 1909: «Devemos animá-los [os nossos colportores] a espalhar os livros que tratam de assuntos bíblicos — livros cujos ensinamentos preparam um povo para resistir à prova, tendo cingido o lombo com a verdade, acensas as lâmpadas.» — *O Colportor Evangelista*, p. 120 (Citação de *Testimonies*, vol. 9, p. 61, de 1909).

Presentemente, José Pacheco trabalha em associação com o seu filho **Carlos Pacheco** e os dois constituem uma equipa de grande êxito, amparando-se e colaborando mutuamente.

José Baptista é Adjunto de Publicações da Área Sul, que compreende também Lisboa. Ele considera a Colportagem o método por excelência para a proclamação do Evangelho. E diz: «Amo esta obra, e Jesus reciprocamente me tem abençoado.» A Colportagem tem-lhe feito ganhar amigos e, mais do que tudo, permitiu-lhe ajudar a ganhar três almas.



Como Adjunto de Publicações, José Baptista procura apoiar todos os colportores-evangelistas da Área que lhe está designada, mas o seu desejo e voto vai mais lon-

ge: «Cada Adventista do Sétimo Dia deveria ser um colportor-evangelista!» E cremos que existe um plano neste sentido.

«Difusores-evangelistas» é precisamente a designação para um novo espaço aberto àqueles que se não podem dedicar-se à colportagem a 100%. Os nossos irmãos do Departamento de Publicações e da casa editora adventista *Publishadora Atlântico* estão a investir muito neste método de partilhar o Evangelho através da página impressa. Escreveu a serva do Senhor: «Pela luz que me foi dada, sei que onde há um colportor no campo, deveria haver cem.» — *Testimonies*, vol. 6, p. 315, 1900.

Tem sido impressionante constatar os excelentes resultados obtidos pelo Ir. **José da Silva Teixeira**. Tendo começado a colportar há relativamente pouco tempo e quando já não era jovem-jovem, o Senhor demonstrou pela bênção que lhe concedeu, que ele era de facto um vaso escolhido para este ministério.

O próprio José Teixeira declara que a colportagem também foi para ele «uma revelação e um meio de realização pessoal», que lhe permite abordar o povo social e espiritualmente.

«Vivemos numa época em que há a fazer uma grande obra. Existe na Terra fome do Evangelho verdadeiro, e o pão da vida deve ser ministrado às almas famintas. Não existe uma oportunidade melhor de fazer essa obra do que a que se depara ao consagrado colportor.» — *Serviço Cristão*, p. 152.

José Vale Dias é um colportor de avançada. Esta é uma designação que refere aqueles colportores-evangelistas que procuram estabelecer a obra adventista em lugares onde ela não exista, firmar uma igreja nascente ou pequenos grupos que mais tarde se transformarão em igrejas.

José Dias está actualmente em Macedo de Cavaleiros e dá assistência aos grupos de Moncorvo, Bragança, Macedo de Cavaleiros, Mirandela e Vinhais. Os leitores da *Revista Adventista* lêem regularmente notícias deste trabalho,

pois ele as envia assiduamente. Dada a sua função, a actividade deste colportor-evangelista é complementada pela pregação directa, pelo trabalho com os jovens, estudos bíblicos e visitas a interessados. O Senhor já lhe concedeu o privilégio de ganhar 5 almas. Por outro lado, soube que se baptizaram dois jovens em Rio de Mouro, cujo primeiro contacto com a verdade foi através de livros vendidos ao seu pai.

Outra grande alegria que teve foi encontrar uma jovem que se tinha baptizado havia 12 anos, na igreja de Espinho, e que tendo abandonado a fé, após este contacto — 15 anos depois — reatou a sua ligação com a igreja e fez um novo pacto com Jesus. Desta vez, ela e o seu marido.

Claro que nem tudo são facilidades. Às vezes há também reverses. Mas o poder de Deus pode transformá-los em vitórias. E é o que se depreende do seguinte episódio:

«Devido a termos estado presentes numa feira regional, as nossas publicações ficaram conhecidas como religiosas, o que nos tem fechado algumas portas. Um dia, perante uma dezena de professores, tivemos a possibilidade de testemunhar a nossa fé num diálogo com o pároco, tendo alguns deles dito, no fim, ter sido muito positivo aquele pequeno frente a frente.»

No fim de contas, José Vale Dias sente-se feliz no seu trabalho de colportor-evangelista. «Tem sido o meio que Deus me concedeu de colaborar na Obra. Semeando a semente do Evangelho, no futuro Deus nos mostrará o resultado do nosso trabalho.»

Leta Dias, sua mulher, está também trabalhando como colportora. Na nossa União há 6 casais de colportores. Tal actividade comum permite-lhes não só ajudarem-se mutuamente, mas ainda complementar as receitas familiares. E há determinados lugares em que um ou outro penetram com mais facilidade. Leta, por exemplo, foi um dia a um colégio de freiras, e apresentou o *Nosso Amiguinho*. Teve então oportunidade de ensinar alguns cânticos nossos às crianças, o que foi muito apreciado por elas e suas professoras-freiras. No fim, as mesmas crianças cantaram para ela em agradecimento. E Leta conclui: «É maravilhoso trabalhar para o nosso Deus!»

Filha e neta de adventistas **Lídia Mendes** foi criada na igreja e estudou teologia nos Seminários de Portalegre e Collonges sous Salève, na França. No entanto, circunstâncias pessoais não permitiram que ela servisse a



Obra na qualidade de assistente pastoral, que era a sua grande vocação. Bem mais tarde, porém, o Senhor chamou-a como obreira da página impressa, actividade, aliás, em que também sempre se destacara e com ela financiara parte dos seus estudos.

Quanto a trabalho pastoral propriamente dito, Lídia dirigiu durante alguns anos o grupo de Portimão, hoje organizado em igreja, colaborou em diversas campanhas de evangelização e de colportagem evangelística preparatórias de campanhas. Por isso, a colportagem tem sido, não só o seu ganha-pão e o de seus filhos, hoje já casados, mas também uma maneira de trabalhar para Deus e viver dia a dia com o sentimento da Sua presença e bênção.

A vida desta serva de Deus não tem sido fácil: problemas de saúde e outros foram também o seu quinhão. Mas o Senhor concedeu-lhe o dom da alegria e do optimismo contagiante, de modo a poder realizar o seu trabalho e ainda ajudar os outros com uma palavra de ânimo e encorajamento. Deu-lhe também o privilégio de ajudar a ganhar uma dúzia de almas.

Um dia, Lídia deslocou-se a Faro, para assistir a uma cerimónia baptismal. Um jovem, Filipe, veio ter com ela e perguntou-lhe se se lembrava dele. Lídia tinha uma vaga ideia, mas de facto, lembrar-se, não se lembrava. Soube então que lhe tinha vendido um *Conflito dos Séculos* havia alguns meses e que fora a leitura deste livro que despoletara todo o processo da sua conversão, o qual culminava naquele dia com o seu baptismo.

Esta experiência fundamenta a esperança que muitos colportores têm de conhecerem um dia, no Céu, gente salva pelo seu ministério. Lídia sabe o que é esta ale-

gria e isso lhe dá forças para enfrentar as dificuldades da vida.

Luís Pinto era marinheiro e, conseqüentemente, trabalhou muitos anos no mar. Um dia Deus chamou-o a trabalhar em terra, a dedicar-Lhe a sua vida e os seus talentos, e Luís tornou-se colportor-evangelista, um colportor de êxito.

Durante alguns anos, o Ir. Luís Pinto trabalhou de forma regular e desempenhou mesmo funções de Adjunto de Publicações, da Área Sul, que muitos colegas seus recordam com apreço. Actualmente, por razões pessoais, trabalha mais esporadicamente, mas sempre com o mesmo zelo e cativante simpatia. A sua ficha de colportagem menciona 2 baptismos ganhos como resultado desta sua actividade.

Manuel Correia Mendes

é um dos mais antigos colportores-evangelistas da nossa União: trabalha há 23 anos. Ajudou a estabelecer a igreja de Braga, campo onde continua o seu ministério, e foi durante anos ancião da mesma.

Quando a princípio se organizaram os cursos Maranata, o Ir. Manuel Mendes foi enviado a Espanha para assistir a essas reuniões. Este colportor colheu ali ensinamentos muito proveitosos, como mais tarde aconteceu com os que participaram nos cursos Maranata em Portugal, e isso constituiu uma extraordinária experiência para o seu apostolado missionário. O mais importante é que, ao regressar a Portugal, ele pôs em prática todo esse plano e instruções recebidas e como resultado do seu esforço e consagração, teve o privilégio de contribuir para o baptismo de 10 almas.

O número total de baptismos, de acordo com a sua ficha de colportagem, é de 17, mas ao longo destes 23 anos, muitos foram os contactos e experiências que frutificaram em almas salvas para o reino de Deus.

Na zona de Marvão, Alto Alentejo, trabalha o colportor-evange-

Manuel Fernandes.

Homem simples, de fé inabalável, o Senhor tem-no usado para salvação e bênção do seu semelhante, tendo-lhe já concedido 6 almas. A colportagem tem-lhe igualmente aberto novos horizontes, e ele mesmo, com muitos outros, confessa: «Tudo o que sou, devo-o à colportagem.» Na realidade, esta sido uma escola que o ensinou na prática o poder da argumentação e a arte de obter decisões. Recentemente, encontrou um ex-adventista que se unira à Igreja Evangélica. «Depois de alguns contactos, conta o nosso colportor, ele está novamente seguindo o caminho certo.»

Às vezes as coisas são mais difíceis e há mesmo experiências amargas. Mas, como dizem as Escrituras, «Todas as coisas concorrem juntamente para o bem dos que amam a Deus» (Rom. 8:28). Um dia, o Ir. Manuel Fernandes foi receber a prestação de uma colecção que vendera à filha de um responsável da Igreja Assembleia de Deus. Era a última cobrança e esta, ao invés das outras, foi paga pelo pai que aproveitou a ocasião para o «doutrinar». Manuel Fernandes ia «sempre contrargumentando com a Bíblia». Não conseguido o seu intuito, esse senhor zangou-se e expulsou-o de sua casa. Parecia o fim de tudo. Mas se há uma qualidade que o colportor adventista tem bem desenvolvida, essa é a perseverança. E alguns meses depois, o Ir. Fernandes voltou a essa mesma casa para cumprimentar o tal senhor e pediu-lhe que lhe desse uma oportunidade de lhe falar a Palavra de Deus. Falaram durante 4 horas. «Passado esse tempo, conta o colportor-evangelista, já ele me estava a pedir desculpa do que me tinha feito e pediu-me as lições do curso da *Voz da Esperança*. Pediu-me também que durante três meses não o visitasse e apenas orasse por ele. Assim foi feito, e passados esses meses, fui visitá-lo. Quando Ele me viu, abraçou-me, chorando, e chorando disse:

— Não tenho mais dúvidas. Esse caminho que você segue é o caminho certo.

«Está agora a estudar para seguir melhor esse caminho do céu.»

Não é maravilhoso como Deus usa os colportores adventistas?

Vindo de Angola, onde já era colportor-evangelista, **Manuel Joaquim Oliveira Matos** é também um obreiro de êxito, não só no plano financeiro, mas também, e sobretudo, no plano espiritual, pois Deus deu-lhe o privilégio de ganhar 22 almas e de ter tido várias experiências em que foi uma bênção para aqueles com quem contactou. Um dos casos que mais o impressionaram foi o de um agente de seguros prestes a suicidar-se e que mais tarde lhe veio agradecer a sua visita.

Manuel Matos tem consciência de que o seu ministério envolve «uma luta onde o inimigo procura bloquear a acção, usa os mais variados estratagemas para impedir e destruir; mas vem acerteza de que o Sol está por cima das nuvens e quando oportuno, sorri, dissipando as nuvens.» E conclui num saber de experiência feito: «Não é sem oposição que a semente é lançada, mas os resultados fazem esquecer as dificuldades.»

Ivone Matos, sua mulher, secunda-o neste trabalho, colportando ocasionalmente. O casal revela excelente espírito missionário, sobretudo no que se refere a Escolas Cristãs de Férias, que já têm organizado no seu próprio lar, com bastante êxito.

Maria do Céu Miranda

acha a colportagem «um meio de ampliar o reino de Cristo dentro



do coração dos homens» e, nesta óptica, levar o conhecimento da salvação ao povo é o seu principal objectivo neste

trabalho. Pessoa muito simples, trabalha apenas há um ano e tem tido relativo êxito, que deve à sua muita persistência e «ao poder de Deus».

Maria Ermelinda Amaral

começou a trabalhar em 1984, mas devido a alguns problemas de saúde teve de reduzir para tem-

po parcial. Tem feito um trabalho de certa maneira interessante e sente que a colportagem evangelística tem contribuído para a sua realização pessoal e para dar o conhecimento de Jesus a algumas pessoas.

Maria de Fátima Vieira

trabalha apenas há dois anos, como colportora ocasional, mas acha que esta actividade «é um trabalho aliciante» e que «todos os irmãos que têm vocação para relações públicas deviam fazer esta experiência»



Além do mais, refere com certa verdade, «o nosso Patrão é Deus».

Por outras palavras: Quando alguém se dedica à colportagem evangelística, tem o sentimento e certeza de que trabalha directamente para o Senhor. Por isso, a colportagem é, simplesmente, «espalhar as nossas publicações e advogar a verdade». — *O Colportor-Evangelista*, p. 97.

Marília Martins trabalha na zona de Coimbra e é uma colportora-evangelista de vocação e talento. Ela mesma o declara: «Tudo me fascina no meu trabalho,



gosto imenso de relações humanas. Para mim a colportagem tem sido a respiração da alma.» E Deus tem abençoado esta sua filha tanto material como espiritualmente, pois já lhe concedeu ter contribuído para ganhar 8 almas. Estas as que sabe, porque espera que haja mais!

Marília enviou-nos três belas experiências que por limitações de espaço somos obrigados a resumir, mas que ficam arquivadas com todos os pormenores no Departamento de Publicações. São elas exemplo da bênção espiritual e material que Deus tem derramado no seu ministério.

A primeira relaciona-se com um problema de quotidiano, pa-

ra o qual solicitou a intervenção de Deus e foi atendida. Ia a caminho de uma entrevista marcada para as 9 horas da manhã quando o seu carro avariou. Embora todos os outros buzinassem, não havia nada que lhe pudesse fazer. Apareceu então de frente um carro amarelo, que parou no outro lado da estrada e dele saiu «um senhor de porte majestoso» que lhe perguntou se precisava de ajuda. Então, sozinho, ele mesmo empurrou o carro dela para o passeio. Quando Marília lhe ia agradecer, já ele tinha desaparecido. Isto de si já a impressionou. Mas o carro tinha de ficar ali, em transgressão e abandonado. Marília orou e foi para o seu trabalho. Quando lá voltou com o mecânico, à tarde, tudo estava bem e até o próprio carro funcionava. Mesmo na oficina, o mecânico nada encontrou que justificasse a avaria e durante muito tempo o carro manteve-se sem quaisquer problemas.

A segunda experiência tem a ver com a recompensa que o Senhor tantas vezes concede à persistência e paciência dos nossos colportores-evangelistas.

A irmã Marília foi trabalhar a uma fábrica em Taveiro, levando um saco de revistas *Saúde e Lar* e grande quantidade de livros *Escravos do Século XX*. Ao pedir autorização para fazer o seu trabalho, o maioral recusou e pô-lo fora da fábrica. Marília perguntou se poderia esperar do lado de fora do portão, ao que ele respondeu nada ter com isso, mas ficou 3 horas de pé firme na portaria, acabando então por se ir embora. A nossa colportora, porém, não desistiu e mesmo sem almoço, esperou até às 5 horas da tarde. Teve então oportunidade de deixar a semente do Evangelho em 25 almas, e como deixou também o seu nome e morada, foi mais tarde contactada para novas assinaturas. Marília confessa com humildade: «Agradeço a Deus a força que me deu naquela hora e o Seu constante amor no meu coração.»

A última experiência que nos relata começou num quartel-general, onde foi fazer algumas renovações. Estava lá um primeiro-sargento assinante da *Saúde e Lar*, que possuía alguns livros nossos e muitas vezes ela lhe falara de Jesus. Como estava em curso uma campanha de evangelização em Coimbra, Marília deu-

-lhe um convite para ele ir assistir. Foi e não faltou mais.

Depois da campanha, este primeiro-sargento continuou a ir regularmente à igreja. Mas algum tempo depois deixou de comparecer às reuniões. A nossa colportora decidiu ir ver o que se passava e soube pela esposa que ele fora hospitalizado de urgência. Foi vê-lo e achou-o muito abatido, pois começara a perder peso. Certo dia, estando ele já desenganado (canceroso), Marília falou-lhe do baptismo, pois ele manifestara em tempos o desejo de vir a pertencer à igreja. Muito a custo, ele disse-lhe:

— D. Marília, estou muito doente. Não vou ver realizado esse sonho!

Ela explicou-lhe que ele podia ser baptizado por aceitação e voto da igreja. E assim foi. A igreja de Coimbra acolheu no seu seio o irmão Orlando, que viria a falecer no dia seguinte. A irmã Marília agradece a Deus tê-la usado para salvação deste Seu filho.

Neuza Glória colporta desde nova e fez os seus estudos no Brasil, sua pátria de origem, financiando-os através deste meio. Casada com o Pastor Justino Glória, o casal veio para Portugal e encontra-se presentemente a trabalhar no Algarve, zona de Portimão e Lagoa.



Neuza continua a dedicar ao trabalho de colportagem um pouco do seu preenchido tempo de esposa e mãe. Este trabalho é não só um meio de aumentar as receitas do lar, mas também uma forma de descobrir pessoas interessadas na mensagem e preparar o caminho para futuros estudos bíblicos. Por isso, Neuza diz que procura «ver em cada pessoa contactada uma alma por quem Cristo morreu».

Uma experiência que recorda com gratificante emoção foi o seu encontro com um jovem que se tinha afastado da igreja. Neuza estava ainda no Brasil. O jovem sentia-se muito só, longe de Deus, mas tinha acanhamento em voltar e até o pedido de Lições da Escola Sabatina ele queria que fosse feito o nome da colportora. Com a ajuda de Deus, Neuza

conseguiu insuflar-lhe coragem e o sentimento de que seria bem recebido na igreja. O jovem voltou.

O que é também interessante nesta experiência é que este jovem foi encontrado numa metáfora onde lhe foi muito difícil entrar. São os tais obstáculos que o inimigo coloca no caminho do colportor-evangelista, e que ele tem de vencer com persistência e oração.

Quando Neuza trabalhava na cidade de Cruzeiro, estado de S. Paulo, contactou certo dia com uma senhora que tinha perdido o único filho num acidente. Angustiadíssima, ela fora ter com o líder espírita para a ajudar a contactar com o filho e fez uma grande viagem até Minas Gerais para esse fim. Mas tudo fora em vão. Ela queixava-se da sua desilusão: Tantos conseguem, e eu não!

Custa tanto ver os ardis do inimigo! Neuza elucidou-a sobre o estado do homem na morte, e como trabalhava com *O Grande Conflito*, fez-lhe a apresentação do livro. A senhora comprou. Neuza deixou o nome dela com o colportor que a foi substituir. Embora não tenha sabido qual o desenvolvimento deste caso, sabe que a senhora estava mais animada e a ler o livro com entusiasmo. E tem a secreta esperança de que esta seja uma alma salva, pois deixou-a com alguns importantes conhecimentos bíblicos. Por outro lado, soube que o novo colportor fez um belo trabalho espiritual naquela cidade.

«Não se permita que a obra da colportagem esmoreça. Que os livros portadores da luz da verdade presente sejam postos diante do maior número possível de pessoas.» *Serviço Cristão*, p. 145. Este é o objectivo da colportagem adventista.

A Escola de Colportagem é um instrumento ao alcance de todo aquele que deseja fazer uma experiência neste trabalho. Ali se dão instruções e se aprendem técnicas de relações humanas que auguram um ministério profícuo.

Palmira Machado trabalhou durante algum tempo no LAPI, em Salvaterra de Magos, e um dia decidiu fazer o curso de iniciação na Escola de Colportagem. Encontra-se agora a estagiar no Algarve.

A sua experiência é ainda pequena, mas ela está entusiasma

da com as perspectivas de contacto humano que a colportagem evangélica lhe proporciona, achando que «contribui para o seu desenvolvimento e realização pessoal».

Uma senhora, ao tomar conhecimento do nosso trabalho, disse-lhe:

— Que pena só agora ter conhecimento deste trabalho. Siga em frente com coragem, porque nunca é tarde para se receberem conselhos como estes!

Ramiro Eduardo Santos começou a trabalhar em 1986 e está presentemente na zona de Trás-os-Montes.

Aqui, Deus deu-lhe o privilégio de contactar com uma senhora que está agora a frequentar a nossa igreja e deseja baptizar-se.

Ramiro é um jovem destemido, que avança confiante nas promessas de Deus. Sabe, por experiência, que «se por acaso não vender num dia, no dia seguinte Deus provê o dobro». «As promessas de Deus não falham», diz. E uma que muito o anima é a que se encontra em Isaias 41:13. «Não temas, que eu te ajudo.» E Deus tem-no ajudado. «Para mim, a colportagem é um meio onde posso apreciar mais e mais qual o trabalho de Jesus.»



Em meados de Outubro do ano passado, **Reinaldo dos Santos** enviou à *Revista Adventista* um testemunho que por absoluta falta de espaço ainda não foi publicado. Aproveitamos este número dedicado à colportagem para o inserir.

Reinaldo dos Santos veio a Angola e ingressou na colportagem em 1976 e nela se tem mantido com a ajuda de Deus, tendo ganhado 15 almas e colaborado no baptismo de mais algumas. Reinaldo Santos trabalhou também como Adjunto de Publicações.

Presentemente, o campo de trabalho do Ir. Reinaldo é, por escolha sua, a Beira Baixa, sua província natal. Na realidade, ele de-

cidou ir trabalhar para aquela zona a fim de levar a mensagem do Advento aos seus familiares e tem sido uma forte coluna do templo do Senhor naquelas paragens.



Eis como ele relata a sua experiência:

«No princípio deste trabalho fui fortemente tentado a desistir.

Certo dia, ao fim da manhã, depois de diversas tentativas para começar a trabalhar, saí da cidade (Castelo Branco) para o campo e ali abri a Palavra de Deus, pedindo uma ajuda especial. Li Marcos 14:32 a 42, e com lágrimas prometi ao Senhor que faria este trabalho nem que fosse com sangue, suor e lágrimas, mas no poder do Espírito Santo. Daí em diante TUDO foi diferente. TODOS os dias o Senhor está presente.»

Rogério Santos começou a trabalhar em 1976 e já conta 8 almas ganhas. Além disso, é seu privilégio saber que uma irmã baptizada no Algarve teve o primeiro contacto com a mensagem através do livro *O Grande Conflito* que ele lhe vendeu, quando ali trabalhava. Presentemente o seu território é a zona de Viseu.

Diz Rogério Santos: «A colportagem é um meio de me valorizar no campo profissional, e ao mesmo tempo uma óptima escola preparatória para a escola superior do Céu.» **Noémia**, sua mulher, fez o curso de iniciação na Escola de Colportagem e já tem trabalhado como ocasional, mas está ainda muito presa com filhos pequenos. No entanto, também ela revela boas possibilidades para a colportagem evangélica. A ambos conforta a certeza de que «após a luta, vem a coroa».

Rosalina Ávila, nos Açores, tem dado o seu valioso contributo à obra da colportagem, e isto desde o ano passado. Rosalina revela grande predisposição para este trabalho, em que a sua simpatia pessoal é garantia do maior êxito.

Neste momento, dois jovens

estão também dando os primeiros passos neste trabalho, igualmente nos Açores. São eles, a **Ana Carla** e o **Décio Lopes**, filha e genro da irmã Rosalina Ávila.

Encontram-se ainda em fase de estágio, mas os responsáveis do Departamento acham que ambos podem vir a tornar-se colportadores-evangélicos de muito êxito.

TESTEMUNHO

«No alvorecer da vida, descobri que havia dentro de mim um vazio e senti o desejo de o preencher. E ao olhar para os caminhos da vida, pareceu-me que lá ao longe reluzia aquilo que eu procurava. Corri então na sua direcção, mas ao chegar, sofri uma decepção, pois não era o que me faltava. Fiquei triste. Porém, ao levantar os olhos, vi algo reluzindo noutra direcção e corri, corri, até o encontrar. De novo a decepção, pois não servia para preencher o meu vazio. Mas algo de novo chamou a minha atenção. Noutra caminho, mais ao longe, algo brilhava muito e então corri para lá. Mas nessa corrida, ouvi uma voz que me dizia que o caminho era perigoso, mesmo até proibido. Todavia, a ânsia de preencher o vazio era tão intensa que prossegui na corrida. E outra vez veio a desilusão.»

A experiência ainda se repetiu muitas vezes. Ao longe aquele brilho me atraía, mudando de forma, parecendo sempre novo, cativante. E aquela voz doce e meiga continuava a avisar-me dos perigos daqueles caminhos, mas ai de mim, eu continuava correndo!

Até que um dia os espinhos que havia naqueles caminhos fizeram-me uma horrível ferida. Na minha aflição e angústia, clamei por ajuda d'Aquele que com voz doce e meiga me falara tantas vezes alertando-me contra os perigos dos caminhos por onde andava. E então Ele veio para junto de mim e ouvi as palavras mais doces da minha vida: «Não temas que eu serei contigo!» Depois, com o tempo, tivemos uma longa conversa, contou-me uma experiência impressionante. Dizia:

«Há muitos anos, eu criei os teus primeiros pais. Saíram das minhas mãos. Eram perfeitos; mas, melhor ainda: eram as minhas delícias. Todos os dias nos encontrávamos num lugar muito bonito. Que prazer mútuo expe-

rimávamos diariamente nesses encontros! Porém um dia, ao chegar àquele lugar, fiquei apreensivo, pois eles não estavam lá. Chamei por eles e ao longe ouvi a sua voz: 'Estamos aqui Senhor; ouvimos os teus passos e tivemos medo e escondemo-nos.' Que horrível seta foram aquelas palavras para o meu coração! Tanto sangue verteram! Um intruso os levava a rejeitar a minha amizade e a pôr uma horrível barreira entre nós. Eles queriam voltar para mim, mas não tinham forças para isso. Estavam presos por cordas de ferro. Era preciso pagar um preço incalculável para quebrar aquelas cordas. Eu paguei esse preço.» Então mostrou-me as suas mãos e ali vi o preço do resgate. Num instante compreendi tudo: aquilo que me faltava, que eu procurava pelos caminhos, que preenchia o vazio, era Aquele que ali estava comigo. Lancei-me aos Seus pés e sei apenas que chorei e balbucei algumas palavras. Pôs a sua mão no meu ombro e disse-me:

«De agora em diante estaremos juntos para poderes chegar ao fim desta jornada. Contudo há ainda muitos irmãos que precisam de ser procurados. Alguns estão em circunstância piores que a tua. Preciso da tua colaboração para os trazermos de volta. Tu serás a minha boca, os meus olhos, os meus pés, as minhas mãos. Eu mudarei o teu coração para lá morar. Estás disposto a aceitar este desafio?»

Serenamente, respondi-lhe que estava disposto a sacrificar tudo, mas lembrei-lhe que tinha um cordeirinho que ainda precisava tanto de mim. E Ele me disse que cuidaria particularmente desse cordeirinho. Estendeu então a sua mão para mim e agarrei-a bem. O calor da Sua mão refrigera a alma e renova diariamente o sentido e a alegria da vida. Maranata!

Reinaldo dos Santos

Carminda e Virgílio Faustino. Mais um casal de colportores *de avançada*. Encontram-se presentemente em Beja, com o objectivo de dar assistência às nascentes igrejas adventistas da região e têm desenvolvido um excelente trabalho. A foto mostra-os ao lado de duas irmãs recentemente baptizadas, primícias do seu ministério em terras alentejanas.

Antes de irem para Beja, Carminda e Virgílio estiveram 5 anos no Arquipélago dos Açores, onde Deus os abençoou grandemente.

Ao longo do seu apostolado missionário, o Ir. Virgílio calcula que tenha ajudado a ganhar mais de 70 almas, «com a graça de Deus», e a Irmã Carminda mais de 30. Rectificação de última hora: os dois juntos devem ter contribuído para o baptismo de mais de 120 pessoas. Louvado seja o Senhor!

Virgílio Faustino conheceu a mensagem no Barreiro, quando foi encarregado de fazer a montagem eléctrica da Escola Industrial Alfredo da Silva. Ficou então hospedado em casa de uma fervorosa e missionária crente, a saudosa irmã Custódia. Ela lhe deu a mensagem e ele foi baptizado. Com o regresso ao Porto, cidade onde sempre viveu, começou o seu trabalho missionário. Mais tarde veio a casar com Carminda que já era colportora em Angola e que entretanto regressara do Ultramar. Juntaram-se dois espíritos eminentemente missionários, pois nesta altura já Faustino era também colporteur-evangelista. Deixara a electricidade e ingressara na colportagem em 1968, por influência de vários

irmãos que muito o animaram a enveredar nesta direcção.

E em boa hora o fez. Deus tem-no abençoado material e espiritualmente. As circunstâncias dolorosas da sua vida tornaram-no extremamente sensível às necessidades e problemas do seu semelhante. Por isso ele tem sempre uma palavra de ânimo e esperança para os que sofrem ou se afastaram dos caminhos do Senhor. E já conseguiu que alguns voltassem à igreja, o que muito o alegra: «A colportagem é o único meio que Deus me deu de contactar diariamente com as almas. A minha mensagem para todos é que o Senhor é bom e n'Ele se encontra a plenitude do amor.»

Carminda Faustino tem o dom da comunicação e o Senhor a tem usado para fazer o bem, para confortar, para dar a mensagem. Uma experiência que lhe é extremamente grata e que recorda porque é relativamente recente, foi quando ao fazer uma renovação de *Saúde e Lar*, no Porto, teve oportunidade de encontrar uma senhora jovem, telefonista, muito católica. Carminda deu-lhe a mensagem e hoje ela e o marido são membros baptizados. Amélia Cunha, assim se chama esta nossa irmã, foi durante algum tempo uma colportora de êxito, e neste momento foi chamada a fazer trabalho de obreira bíblica na igreja do Porto.

«Dar a mensagem dos três anjos do Apocalipse» é, segundo Carminda, «o dever de todo o colporteur Adventista, pois mostra que estamos nos tempos do fim.»

O casal Faustino sabe que está em Beja por vontade de Deus e Ele os tem guiado em todos os pormenores. Quando para ali foram, apesar de todo o esforço feito por outros irmãos para arranjarem casa para eles, nada se tinha

conseguido. As poucas que apreciavam, ou eram para venda, ou extremamente caras. Então quando ambos desciam uma rua, perguntaram casualmente a uma senhora se sabia de alguma casa para alugar e ela indicou-lhes uma. Quando chegaram à fala com a proprietária, a referida casa estava já comprometida, mas Deus interveio e a casa acabou por ser para eles. «Mas, conta o Ir. Virgílio, a maravilha está em que, sem o sabermos, a senhora que nos indicou a casa era uma alma que já tinha assistido a reuniões com o Pastor Pires, já falecido, e sua esposa, Maria Augusta Pires, numa sala alugada por cima da casa onde ela mora, na R. Dr. Pereira Coelho, há perto de 30 anos. Foi mesmo ela quem uma semana mais tarde, num encontro que tivemos e em que nos identificámos como adventistas do Sétimo Dia, nos deu a conhecer esse facto.» Deste modo,

Deus proporcionou-lhes uma casa para morarem e uma alma para trabalharem. Esta senhora deu-lhes a morada de uma outra, que em tempos também tinha frequentado as ditas reuniões. E continua o relato: «Fomos contactá-la e descobrimos que havia engano na morada. Não era a pessoa que procurávamos. Mas engano só aos olhos humanos, pois esta senhora acabou por se mostrar interessada e após várias entrevistas e estudos, foi também baptizada. As duas senhoras, irmãs Lurdes e Rita, que estão na fotografia, são os primeiros frutos do nosso trabalho em Beja.

M. R. Baptista

[Texto elaborado com base num questionário enviado aos colportores-evangelistas, em entrevistas pessoais e informações prestadas pelo Director do Departamento de Publicações.]

URGENTE: S.V.A.

Estas iniciais são conhecidas na nossa igreja como **Serviço Voluntário Adventista**, o qual se destina a proporcionar à nossa juventude a possibilidade de serem úteis à igreja através de um ano ou dois de serviço voluntário.

Neste momento, há na nossa divisão 24 jovens que estão prestando serviço voluntário, 9 dos quais em África. Há enfermeiras na Etiópia, Serra Leoa, África do Sul e Ruanda. Um agricultor presta serviço no Mali, duas jovens ensinam os filhos das famílias missionárias no Ruanda. Outro jovem encarrega-se de construções e reparações na República Central Africana.

Ao longo dos anos, vários jovens portugueses têm prestado serviço voluntário tanto em Angola e Cabo Verde, como ultimamente, em Portugal. Neste momento estão prestando serviço voluntário em Portugal 6 jovens, que são: Narciolinda Domingos, na Escola de Santarém; Paulo David Mestre, no Colégio de Oliv. do Douro; Maria de Sousa, no Centro de Ocupação de Tempos Livres de Vila Real de Trás-os-Montes; Cláudia Trindade Santos, na Escola de Coimbra; Maria Adalina Vieira Neves e Armando José da Silva, também, no Colégio de Oliveira do Douro.

Necessitamos agora de outros jovens que venham substituir alguns destes e precisamos até de outros para ocupar novos postos.

Precisamos de uma jovem para o Centro de Ocupação de Tempos Livres de Vila do Conde, mesmo morando no Porto (muito urgente), e jovens para o S.V.A. na Escola de Lisboa e de Oliveira do Douro.

Cada jovem que se candidate terá de ter, em primeiro lugar, uma recomendação da sua igreja.

Escrevam para:

União Portuguesa dos Adventistas do Sétimo Dia
Rua Joaquim Bonifácio, 17
1199 Lisboa — Codex

J. Morgado



A Colportagem Evangelística no Contexto da União Portuguesa

ENTREVISTA COM O PR. J. MORGADO, PRESIDENTE DA UNIÃO PORTUGUESA

— Que pensa o Pastor Morgado da obra levada a efeito pelos nossos colportores?

— Penso que temos um exército de colportores extraordinário, o qual tem contribuído com a sua actividade e o seu sacrifício para o êxito do nosso trabalho. Ao lembrar a experiência de muitos deles, vemos como hoje em dia o Senhor continua a fazer milagres continuamente, em cada lugar, em cada igreja.

Com este grupo de obreiros da página impressa a mensagem tem de progredir.

— Que se espera do colportor-evangelista?

— Espera-se do colportor-evangelista que busque, em primeiro lugar, trabalhar para o Reino de Deus, e todas as outras coisas lhe serão acrescentadas. Espera-se do colportor-evangelista que ao contactar com as pessoas o faça de

tal maneira que se abram portas à penetração do Evangelho. Espera-se que o colportor-evangelista penetre em novos territórios onde ainda não temos igrejas.

— Qual é o contexto da colportagem na evangelização do nosso país?

— Os colportores têm colaborado duma maneira muito eficaz nas campanhas de evangelização realizadas em Portugal. A sua contribuição tem sido extraordinária no contacto com as pessoas e na busca de interessados.

— E no suscitar de interesses para estabelecer novos grupos e igrejas?

— Muitos colportores estão na base do aparecimento de novos grupos de interessados. É um trabalho complementar que alguns fazem. Ao mesmo tempo que

efectuem as suas vendas ocupam-se também das almas interessadas que vão surgindo cada dia. Há mesmo colportores que têm a seu cargo a condução de grupos onde não existe pastor: são os chamados «colportores de avançada».

— No contexto da Colheita 90, qual tem sido a contribuição dos colportores-evangelistas?

— Colheita 90 tem sido uma campanha em que toda a igreja se lançou na busca de novas almas. E isso inclui os colportores, os quais têm contribuído com a sua quota parte, que é muito grande. Direi mesmo que alguns têm prejudicado as suas vendas para dar assistência espiritual a algumas pessoas.

— Desejaria o pastor Morgado, como presidente da União Portuguesa, deixar alguma mensa-

gem aos colportores-evangelistas?

— Desejaria lançar o desafio a cada colportor-evangelista para que continue a sua tarefa com os olhos postos no Mestre, e que nas áreas em que temos colportores mas não temos igrejas ou grupos, que se fizesse um esforço especial para que novos focos de luz do Evangelho ali pudessem brilhar.

— E à igreja em geral?

— Desejaria dizer à igreja que ore pelo trabalho extraordinário dos nossos colportores. Que os sustentem com a sua compreensão e as suas orações. Desejaria igualmente lançar um apelo para que novas vocações possam ir surgindo e que, mesmo nas horas vagas, como difusores evangélicos, os irmãos e os jovens possam tomar gosto pelo trabalho extraordinário que é a colportagem.

Edições Adventistas em Portugal

— CAMINHO PERCORRIDO

JOAQUIM SABINO

Não é fácil falar dos passos de uma caminhada. Todavia, não seria justo falar da obra da colportagem sem fazer referência à casa editora adventista que ao longo dos anos preparou e forneceu os livros que haveriam de inundar o país e tornar conhecida a nossa mensagem.

Pouco depois do estabelecimento da obra adventista em Portugal, deu-se início ao trabalho de colportagem. Como sabemos, o primeiro colportor adventista, João de Sá Pereira do Lago, foi baptizado em 1907 e desse ano

data também a primeira publicação adventista feita em Portugal. Era editada pela **Sociedade Internacional de Tratados** e tinha o título de: *O Instrutor no Lar*. Não se conhece a tiragem do livro, mas sabe-se que tinha 124 páginas. A referida editora continua a sua obra, publicando a seguir folhetos e pequenas brochuras. Eis alguns títulos:

1910 — *Marcos Miliários do Caminho da Vida*, 16 páginas.

1911 — *O Segredo da Saúde*, por A. F. Forest, 48 páginas;
Queríamos ver Jesus, 16 páginas;



Sinais dos Tempos, primeira revista periódica, publicada sem data e muito irregularmente.

1913 — *O Glorioso Aparecimento de Cristo*, de autor desconhecido, mas escrito no estilo do Padre Lacunza. 2000 exemplares.

Entre 1913 e 1921, e certamente devido à falta de recursos e até a problemas com as autoridades, só temos conhecimento da publicação de três pequenos folhetos.

1921 — Foi publicado outro livro: *A Expectativa do Mundo*, 2000 exemplares; *Jesus volta na nossa geração*, outro folheto.

Depois desta publicação, o nome da editora mudou para **Sociedade Filantrópica Internacional**. Sob esta designação, até 1931, publicaram-se mais sete livros sobre assuntos de saúde e de religião.

1931 pode ser considerado um ano histórico, porque é a partir dessa data que o nome «Adventista» aparece nas nossas publicações: A editora passa a designar-se **Sociedade Filantrópica Adventista** e o primeiro título publicado é: *A Nossa Época e o Destino do Mundo*, de W. A. Spicer, com 370 páginas e 10.000 exemplares de tiragem. O seu estilo intrinsecamente profético nunca foi suplantado. Foi um livro muito importante na disseminação da mensagem adventista. A editora publicou oito títulos, divididos também entre saúde e doutrinas da Igreja.

Com a organização da nossa Igreja em termos legais, e a aprovação dos seus estatutos, organizou-se também o Departamento de Publicações. A actual editora, com a designação comercial de **Publicadora Atlântico, Lda.**, foi estabelecida em 1941, sob a direcção de Pedro Brito Ribeiro, então secretário-tesoureiro da Conferência Portuguesa. Data desta década a revista *Saúde e Lar*, que constituiu um precioso auxiliar para os colportores estudantes do Seminário de Portalegre, pois os ajudava a financiarem parte das suas escolagens. Muitos livros foram então publicados. Mencionamos apenas alguns: *Aos Pés de Cristo*, de E. G. White; *O Conflito dos Séculos*, de E. G. White; *O Desejado de Todas as Nações*, de E. G. White

Em 1949, a Publicadora mudou as suas instalações para a Praça Ilha do Faial, 1B onde esteve até 1960. A década de 50 registou significativo aumento de colportores e a Publicadora teve de fazer face a esta expectativa, editando novos livros. A partir de 1960

publicam-se livros sobre religião, educação e saúde, e outros de interesse social. As vendas sobem. De Esc. 1.200.000\$00 em 1960, alcançam-se Esc. 6.800.000\$00 em 1970.

Em 1960, a Publicadora é reestruturada e a sua designação legal passa a sociedade anónima, Publicadora Atlântico S.A.R.L., continuando a ser administrada pela União Portuguesa. Em 1964 é nomeado seu director Samuel José Ferreira dos Reis. A Publicadora está então instalada na Avenida General Roçadas, 36 C e D. Em 1967 é transferida para as actuais instalações de Sacavém: Rua Salvador Allende, 18-1.º. Em 1979, a sua responsabilidade passa para o signatário.

Depois de 1975, com a vinda de muitos irmãos do ultramar, que se dedicam à colportagem, o número de colportores triplica e as vendas registam um crescimento de mais de 100%. Há, de facto, um grande êxito, ao qual além da bênção de Deus, também não foi estranho as novas colecções de livros preparadas pela Publicadora: *Saúde pelos Alimentos*, de Dr. Schneider; *Saúde pelos Tratamentos*, de Dr. Schneider; *O Grande Conflito*, de E. G. White; *Companheiros de Jornada*; *Guia Prático de Educação*; etc.

Em 1978 há um grupo de 102 colportores. A partir de 1980 adopta-se uma nova filosofia de venda de livros. Estabelecem-se colecções de 4 ou 5 títulos diferentes e em todas elas se inclui um livro do Espírito de Profecia. Assim, até agora, já se venderam mais de 100 000 *O Grande Conflito* e este livro continua a ter grande saída. Cada ano se vendem de 8 a 10 000 exemplares. E também de *O Desejado de Todas as Nações*. Editámos 15 000 de cada volume e já estamos em reimpressão.

O número de assinantes da revista *Saúde e Lar* é actualmente de 31 820. Desde 1981, temos também publicado regularmente a revista *Sinais dos Tempos*. Começámos com dois números por ano e 35 000 exemplares por número. A revista tem tido muito êxito, sendo distribuída pelos membros de igreja, além dos colportores evangelistas. Perante os muitos pedidos, vamos passar a publicar 4 números por ano e a duplicar a tiragem: 70 000 exemplares de cada número. A Divisão votou que esta revista fosse também enviada aos territórios africanos de língua portu-



guesa, Angola, Moçambique e S. Tomé.

Quanto à *Revista Adventista*, começou a ser publicada em 1932, sob o título de *Mensagem Adventista*, e até 1937 publicaram-se 21 números. Entre 1938 e 1939 foram publicados os três primeiros números da *Revista Adventista* que em 1940 foi designada como «órgão oficial da Igreja Adventista em Portugal». A partir de então é mensal.

A revista *Nosso Amiguinho* começou a ser publicada há pouco mais de 2 anos. É uma revista para crianças e tem 11 335 assinantes. Os nossos colportores estão empenhados num programa cujo alvo é visitar cada escola, pública ou particular, para colocação da mesma. Tem sido um êxito. Tanto os professores como os educadores em geral recomendam-na aos pais como «a melhor leitura para os seus filhos».

A vida de uma casa publicadora como a nossa não é tão simples como poderá parecer à primeira vista. Muito menos o é na situação de trabalho presente. A falta de recursos económicos, a falta de instalações adequadas à especificidade e quantidade do nosso trabalho nem sempre nos permite fazer face aos desejos e aspirações das nossas igrejas.

Tornou-se quase impraticável, com o presente volume de trabalho, continuar a manter uma situação de resposta normal e em tempo oportuno.

A manutenção de quantidades de livros suficientes para garantir a subsistência de cerca de 80 colportores que se ocupam exclusivamente da colocação da nossa

literatura em cada lar, não é, economicamente falando, tarefa nada fácil. Para além disto existe ainda uma enorme quantidade de livros, Lições da Escola Sabatina e folhetos, que são usados pelas nossas igrejas, uns gratuitos e outros a preços nada em harmonia com as exigências do mercado actual, que são um empate de capital constante de onde não vem um rendimento adequado às necessidades da instituição.

Os campos de Angola e Moçambique são servidos em grande parte pelo material preparado pela nossa Casa Publicadora. Enviamos igualmente a literatura aqui preparada para os países onde existem igrejas de língua portuguesa. Estamos conscientes da imensa tarefa que está diante de nós e estamos confiantes de que o Senhor continuará a providenciar os meios que são necessários à continuação desta obra.

Está em curso a preparação de vários materiais que brevemente serão postos à disposição das igrejas, bem como procuramos urgentemente encontrar um terreno, em lugar conveniente, e a preço possível para nós, que nos permita começar a construir novas instalações que nos ajudem a realizar mais e melhor trabalho, para o Senhor.

Podemos parafrasear aqui a irmã E. White, quando diz:

«Nada temos a temer do futuro a não ser que esqueçamos a forma maravilhosa como o Senhor nos tem conduzido no passado.» — *Testemunhos para Ministros*, p. 31.

J. Sabino, Director da Casa Publicadora Adventista

A Escola de Colportagem

F. FERREIRA

«OS intrutores na obra de colportagem têm graves responsabilidades a levar. Os que correctamente compreendem sua posição, dirigirão e instruirão os que estão sob seu cuidado com o senso de sua responsabilidade pessoal, e inspirarão outros à fidelidade na causa...»¹

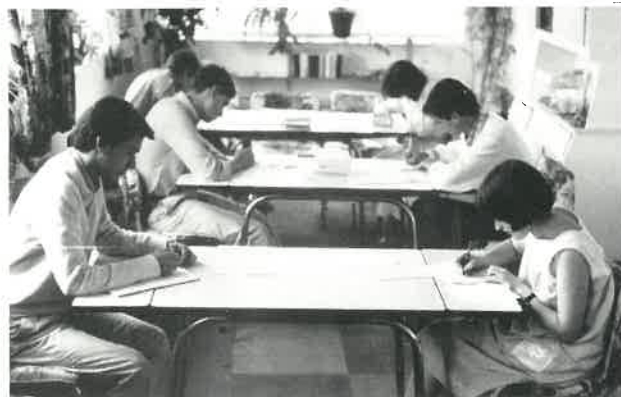
«Os colportores devem ser instruídos e preparados para fazer o trabalho requerido em vender os livros sobre a verdade presente, dos quais o povo necessita. São precisos homens de profunda experiência cristã, homens de espírito bem equilibrado, homens fortes e bem educados, para empenhar-se nesta obra.»²

Sensibilizados para a grande necessidade de uma formação adequada para os nossos colportores, com vista ao exercício do seu ministério de uma forma mais digna e eficiente, o Departamento de Publicações e a Casa Publicadora criaram em 1983 a Escola de Colportagem.

Instalada inicialmente em Pero Negro, onde tinha durante anos funcionado o LAPI, fizeram-se até 1986 uma dezena de cursos de iniciação e diversos cursos de reciclagem. Os primeiros destinados a irmãos que fazem o seu primeiro contacto com este trabalho; os segundos destinados a colportores já experientes, com o objectivo de haver um desenvolvimento contínuo daqueles que fazem carreira de tão nobre ministério.

No final de 1986 tivemos necessidade de encontrar outras instalações, já que as que tínhamos usado até então eram de novo necessárias para receber os nossos irmãos de mais idade, pois o LAPI de Salvaterra de Magos tornara-se insuficiente.

Surgiu então providencialmente a «Quinta do Carmelo» que foi cedida por uma irmã à União; assim a Escola de Colportagem ficou com instalações no concelho de Sintra, num lugar apropriado para o



Curso de iniciação. Prestando provas

retiro necessário a quem vai iniciar este interessante trabalho.

Durante seis anos e meio de actividade, passaram por esta escola 116 irmãs e irmãos, jovens e menos jovens que se iniciaram nesta obra. Passaram também todos os colportores mais antigos, alguns pela terceira vez em cursos de reciclagem.

Como balanço desta actividade podemos referir que, dos 116 iniciantes; 37% colportam ainda neste momento;

18% colportaram com bons resultados mais de um ano; 7% seguiram os seus estudos e já são, ou serão dentro de pouco tempo pastores ou obreiras bíblicas; 5% são esposas de colportores; 32% desistiram durante o estágio, mas mesmo para estes, que por não se adaptarem ou por qualquer outro motivo não puderam continuar, foi uma experiência útil, pois jamais se apagará das suas mentes o conhecimento prático que obtiveram neste ramo da Obra do Senhor.

Os cursos de iniciação estão preparados para um grupo pequeno, o ideal de 8 pessoas. Constam de um intenso programa diário de Segunda a Sexta-feira, de 30 horas; 20 horas são gastas em aulas internas e as restantes 10 em trabalho externo orientado pelos adjuntos do Departamento. Este trabalho externo permite que a escola suporte as suas despesas com alimentação, alojamento, equipamento e outras inerentes ao seu desempenho.

Nos diferentes programas, desde os de iniciação aos de reciclagem, procuramos atingir diversas áreas, todas elas



Instalações da Escola de Colportagem na Quinta do Carmelo, Sintra

de grande interesse ao desenvolvimento do Colporteur: A arte cristã de vender; As relações humanas; A psicologia no contacto humano; Princípios para uma sã administração; Como enfrentar o Stress; Relações com a Casa Publicadora; Organização da contabilidade; O Colporteur e os seus deveres para com o Estado; Regulamentos de Colportagem; A Evangelização pelo Colporteur e pelas Publicações; Como preparar uma alma para o baptismo, etc.

Outros Cursos se seguirão, outros homens e mulheres por

aqui passarão, procurando cada dia cumprir melhor a comissão divina, pois «Deus ordenou a colportagem como um meio de apresentar perante o povo a luz contida em nossos livros, e os colportores devem estar compenetrados da importância de colocar diante do mundo, tão depressa quanto possível, os livros para a sua educação e esclarecimento espirituais.»³

1. E. White — *O Colporteur Evangelista*, pág. 56

2. E. White — *Idem*, pág. 57

3. E. White — *Idem*, pág. 6



16.º Curso de iniciação — 1989

VENDO O INVISÍVEL

Algumas Reflexões sobre II Reis 6 e um encorajamento aos Colportores-evangelistas

WALDEMAR QUEDZUWEIT

Naquela manhã, o servo do profeta Eliseu levantou-se cedo e foi dar uma pequena volta. O que viu não só o despertou completamente para as realidades diurnas, mas encheu-o completamente de pavor: os exércitos sírios, homens, cavalos e carros, cercavam a cidade de Dotan (v. 15). Foi ter com o profeta e disse-lhe:

— Ai, meu senhor! Que faremos?

Eliseu respondeu:

— Não temas, porque mais são os que estão conosco do que os que estão com eles. (15 e 16.)

Dito isto, Eliseu orou: «Senhor, peço-Te que lhe abras os olhos, para que veja. E o Senhor abriu os olhos do moço, e viu» (v. 17.) Viu os exércitos do Senhor, cavalos e carros de fogo que enchiam o monte e cercavam a cidade como barreira protectora invencível.

Os filhos do Senhor, e particularmente os colportores-evangelistas, passam muitas vezes por experiências semelhantes. Parecemo-nos, não raro, com o servo de Eliseu. Permitimos que certos obstáculos se elevem demasiado alto no horizonte, já de si limitado, da nossa visão interior. Satanás mantém cativa a nossa atenção sobre os aspectos negativos das coisas e dos acontecimentos, e a nossa alma é invadida pelos cuidados da vida e pela ansiedade. Quer dizer, deixamos de confiar em Deus, deixamos de fazer fé nas Suas promessas! E todavia, quantos de nós sabemos, por experiência pessoal, que tão logo o Espírito Santo tome conta de uma situação, por mais adversa que ela seja, podemos descortinar o poder de Deus em acção, podemos ver o invisível, descobrir que ao fim do túnel nos espera uma luz. Para além dos

obstáculos aparentes, somos capazes de ver, pela graça do Alto, a presença das falanges celestiais que acorrem em nosso auxílio para nos protegerem do mal e nos garantirem a vitória final.

Todos os dias eu peço a Deus que nos conceda as forças e a visão necessárias para ganhar esta batalha. Precisamos do Espírito do Senhor, tal como existia em Eliseu, e da profundidade da sua visão interior. É isso que torna visíveis as realidades invisíveis.

Os colportores-evangelistas necessitam de travar diariamente uma luta contra as ciladas enviadas pelo inimigo, as quais, por subtis, são mais perigosas. É muito fácil não ver senão os problemas (reais) e os obstáculos (numerosos) semeados pelo inimigo no nosso caminho. Todavia, se colocarmos as nossas vidas sob a protecção do Senhor e se nos aplicarmos em manter o contacto com o Céu, haveremos

de ver o exército dos anjos do Senhor que virão em nosso auxílio. Teremos então a certeza de superar todas as dificuldades que o futuro nos possa reservar. Nenhum obstáculo nos parecerá demasiado grande para as nossas fracas forças, porque saberemos que conosco, ao nosso lado dia e noite, está o Senhor.

Quando trabalhamos diligentemente, tendo em vista a salvação do nosso semelhante, o Senhor torna fecundo cada um dos nossos esforços. Como colportores-evangelistas, temos de cultivar a nossa vida espiritual com cuidado, porque, tal como o profeta Eliseu, dependemos directamente de Deus. Veremos que os carros de fogo dos exércitos celestiais vão adiante de nós onde quer que formos, formando uma fortaleza protectora ao nosso redor. (Ver *Testimonies*, vol. 9, p. 86.)

Waldemar Quedzuweit é Departamental de Publicações da Divisão Euro-Africana